
Crónica de onomástica paleo-hispânica (3)

ANTÓNIO MARQUES DE FARIA

R E S U M O

Neste artigo, o terceiro de uma série que temos dedicado à análise da onomástica pré-romana atestada na Península Ibérica, com particular relevo para a antroponímia, decidimos incluir igualmente algumas observações respeitantes a nomes próprios que, sendo de segura ou presumível origem ibérica, surgem documentados em território hoje francês.

A B S T R A C T

In this article, the third in a series devoted to the analysis of pre-Roman onomastics from the Iberian Peninsula, with particular attention paid to anthroponyms, we have included some observations concerning proper names, which, whether of certain or presumed Iberian origin, appear documented in present-day French territory.

ABISVNSONIS (gen.). Ara de arenito. Ízcue (Navarra). Jimeno, Tobalina e Velaza, 1998.

Em alternativa a **Abisun-son*, opção tomada pelos editores da inscrição em causa (v. igualmente Velaza, 1998, p. 205), cremos que este NP pode ser segmentado em **Abis-unso*. *Abis* encontra-se também presente nos NNP ABISVNHARI (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 121, n.º 2) e ABISONIVS (Gorrochategui, 1984a, p. 121; *MLHIV*, p. 620), bem como no NL medieval *Auizano/Auizau* (Belasko, 1999², p. 45), se este não tiver origem em **Auitus.unso*, por seu lado, deverá corresponder a *uns(u)/unz(u)*, lexema constante da onomástica basca medieval (Orpustan, 1999, p. 346).

abuloraun. Mosaico. *Andelo* (Muruzábal de Andiön, Navarra). Mezquíriz, 1991-1992, p. 365-357; *MLH IV* K.28.1.

Antes de nos determos uma vez mais sobre o segundo NP reproduzido na inscrição do mosaico de *Andelo*, vale a pena recordar o respectivo texto: **ligine abuloraune egien bilbiliars**. Até hoje ninguém questionou de modo convincente aquela que nos parece ser a melhor tradução do mesmo: ‘**ligine** fez (esta obra) para **abuloraun**, bilbilitano’. Bem menos verosímeis são as numerosas traduções que partem do pressuposto que **abuloraune** é mais do que um NP em caso oblíquo; aqui ficam duas delas: ‘*Ablu*, filho de *Likinos*, bilbilitano, ocupou-se da obra’ (De Hoz, 2001a, p. 356) e ‘*Likinos* el ‘*launi*’ de *Abulo*’ (Rodríguez Ramos, 1999-2000 [2001], p. 356). Em trabalho anterior (Faria, 2000a, p. 122-124), já demos conta da maior parte das fragilidades de que enfermam todas

as traduções que, fazendo vista grossa à pontuação existente, resultam de um corte *ad hoc* entre **abulo** e **raune**, pelo que não as vamos enumerar novamente. Muitos dos que fizeram tábua rasa da pontuação colocada no supracitado texto já haviam sido por nós arrolados (Faria, 2000a, p. 122, 2001, p. 95), faltando-nos agora acrescentar Marco (1997, p. 344), Lorrio (2000, p. 161), Beltrán (1999, p. 143), Wodtko (*MLHV* 1, p. XIII, 7), Rodríguez Ramos (1999-2000 [2001], p. 356), De Bernardo Stempel (2001, p. 321-322, n. 20), De Hoz (2001a, p. 356), Correa (2001a, p. 705) e Untermann (2001a, p. 23, 27). Alguns destes autores são “reincidentes”.

Impõe-se ainda que dediquemos algumas linhas a **ligine**, NP ibérico que já era conhecido do mosaico de Caminreal (Teruel) (Faria, 1992, p. 193, 1993, p. 157, 2000a, p. 123-124). Até há pouco tempo, julgávamos que entre as várias interpretações de que aquele foi alvo, a menos provável era a que consistia em ver no mesmo a versão iberizada do *nomen Licinius* (Untermann, 1993, p. 113; Blech, 1993, p. 261; Gros, 2001, p. 141; Sillières, 2001, p. 184, além da bibliografia recolhida em Faria, 2000a, p. 123-124, 2001, p. 95). Simon Keay (2001, p. 130), porém, foi mais longe, chegando ao extremo de considerar *Likinete* [sic] a celtiberização de *Licinius*. O raciocínio de Keay é inatacável no plano da coerência interna, já que, segundo ele, a inscrição de Caminreal é celtibérica do princípio ao fim: “The case of La Caridad de Caminreal is a good example. Here, an Italic style house was built in a newly planned Celtiberian settlement in the early first century BC: one of its rooms was decorated by an *opus signinum* mosaic decorated with a standard geometric design but with an inscription in Celtiberian at its centre [...]. Thus, the architect Likinete – which be [sic] a celtiberization of the latin name Licinius – designed a house in the Italic style, even though the owner of the house chose to record this in celtiberian rather than latin”.

aidurgi. Pratos de prata. Vallejo de las Viñas (Abengibre, Albacete). *MLH* III 2 G.16.3, .4.

Recentemente, manifestámos a nossa preferência pela segmentação do presente NP em **aidu-(u)rgi*, em detrimento de qualquer outra opção (Faria, 1999, p. 153). Se Untermann tivesse reconhecido a pertença do elemento **aidu**, por nós isolado em numerosos NNP (Faria, 1990-1991, p. 82, 1994a, p. 66, 68), ao repertório antroponímico ibérico, teria certamente hesitado em afirmar que **uldi** e **urgí** “hasta ahora sólo están atestiguados como primeros componentes de compuestos” (Untermann, 2001b, p. 623, n. 29). Um dos NNP em que se encontra testemunhado o formante onomástico **aidu** é, com grande probabilidade, **aiduiscer** (C.22.1) (Faria, 1994a, p. 66, 2000a, p. 125), transformado por Untermann (2001b, p. 622) num inaceitável **tuitiiscer**. Por outro lado, não obstante as dúvidas suscitadas por Quintanilla (1998, p. 156), a equivalência tanto entre ib. **ildun** > **ilun** e basco *irun* como entre ib. **ildi** e basco *iri* (Tovar, 1977, p. 6-7, 1979, p. 473) deixa entrever a eventualidade de *uri* ser o resultado do tratamento basco de ib. **uldi**. A ser assim, **uldi** poderá estar incorporado como segundo elemento GRACCVRRIIS (*RPC* I, p. 134) e em AXTOVRI (Gorrochategui, 1984a, p. 151-152, n.º 65).

arsbigis. Moedas. **afse** (Sagunt, València). *CNH* 304:2, 5.

Untermann, em lugar da pretensa legenda **arsakiskuekiar** (*MLH* I 1, p. 230, *MLH* III 1, p. 171, 186, Untermann, 2001b, p. 627), decidiu por fim acompanhar-nos na leitura do que está efectivamente gravado nas dracmas e hemidracmas de **afse** acima assinaladas: **arsbigisTeegiaf** (Faria, 1994a, p. 66, 1994b, p. 40, n.º 53, 1994c, p. 123, 1995a, p. 80, 2000a, p. 127-128, 2001, p. 96-97); é certo que não o fez num dos seus textos mais recentes (Untermann, 2001b, p. 627), no qual continua a veicular a transliteração errada, tendo decidido usar produção alheia (Ripollès, 2001, p. 169). No entanto, a cedência ao nosso ponto de vista não foi total, já que Untermann relaciona **arsbigis** com o NL **afse** (*apud* Ripollès, 2001, p. 169), posição semelhante à que,

com base numa transliteração deficiente, havia tomado Gómez-Moreno (1949, p. 278). A obstinada recusa em seguir a nossa interpretação, que consiste em ver em **arsbigis** um NP (Faria, 1994a, p. 66, 1994b, p. 40, n.º 53, 1994c, p. 123, 1995a, p. 80, 2000a, p. 127-128, 2001, p. 96-97), levou Untermann a esquecer rapidamente aquilo que, agora também para ele (segundo com Ripollès), parecia ser ponto assente: **arsbigis** e **arŕse** apresentam distintos signos de vibrante. O sábio alemão voltava assim a repetir o erro cometido em 1990: “Im ersten Wort [i.e., **arsakis**] muß eine Ableitung vom ON. **arŕse** gesucht werden, für die sich aber bis jetzt kein Vergleich anbieten” (*MLH III* 1, p. 186, n. 182). Só nos resta lamentar que Ripollès (2001) se tenha prestado a dar guarida a tão insólita interpretação, totalmente diversa daquela que Untermann expôs há três décadas, no meio de vários erros de transliteração: “**arsakiskuekiar** (-2.) kann kein Ethnikon sein, wenn **arŕsetar**, neben dem es ausschließlich erscheint, als solches angesehen wird” (*MLH I* 1, p. 232).

É de admitir que a segunda parte de **arsbigis** esteja relacionada com o radical do NL *Bigios*, atestado a partir de 1125 (Orpustan, 1999, p. 270). Também **ars** é susceptível de se documentar em época medieval no NL *Arcoiz/Arçoiz/Arcotz/Arçotz* (Belasko, 1999², p. 104), originário do NP **Arso*.

A sequência NP + **Te** + **egiaŕ** é relativamente comum na epigrafia ibérica: além do exemplo anterior, poderemos citar, entre outros, **un(i)scel-Te-egiaŕ** (F.13.21, .22) (Faria, 1997, p. 110). Untermann (*MLH III* 1, p. 226, 2001b, p. 621) quis isolar nesta frase o elemento antropónimo **celte**, mas, tal como demonstrámos em diversas ocasiões, tanto este como **celtun** (Untermann, 2001b, p. 621) não passam de um ilusório produto de segmentações incorrectas (Faria, 1990-1991, p. 77, 82, 1995b, p. 328, 1997, p. 110, 2000b, p. 62). Em conformidade com os dados de que dispomos, o elemento onomástico **cel** faz parte apenas de **celboio** (B.1.13; C.2.13), **uniscel** (F.13.21, .22), e, talvez, de **orŕei-celaur** (D.12.1), encontrando-se associado a outros morfemas nos NNP **celtareŕceŕ** (D.10.1), **celtibeles** (F.20.2, .3), JIRSECEL (TSall), **secel** (G.7.2), BELCILESVS (Gómez Pallarès, 1997, p. 88-90) e **tarticeles** (Faria, 1997, p. 110), bem como nos NNL **celse** (Faria, 1997, p. 110) e **celin**.

auruningi. Estela de arenito. Santa Perpètua de Mogoda (Barcelona). *MLH III* 2 C.10.1.

Untermann (*MLH III* 1, p. 213, 237, *MLH III* 2, p. 104) não chegou sequer a admitir como hipótese que **gi** pertencesse ao NP em discussão, mas cremos ser esta a solução mais adequada. Na onomástica ibérica, terminam com o sufixo **gi** ACIRGI, AIVNGI, AVRGI (Faria, 2000a, p. 125), **biscargi** (Faria, 1999, p. 153), **aidiCeldungi** (G.15.1) < **aid(u)iCe(i)ldungi* (Faria, 2000b, p. 62) e *Oningi* (Plin., *nat.* 3.12)/**Onigi* (*CIL* II²/5, 930, 1184) (Tovar, 1974, p. 126), NL que deve ter origem em **Vningi* ou **Auningi*.

bacaŕcetar. Marca de *dolium*. Can Feu (Sant Quirze del Vallès, Barcelona). Panosa, 2001, p. 524-526.

Seguido do abundantemente documentado sufixo *-Te*, este NP deverá naturalmente identificar o oleiro (Panosa, 2001, p. 526). Escaparam a Panosa as evidentes semelhanças entre **bacaŕcetar** e **bacaŕcetai** (Solier, 1979, p. 77) ou **bacaŕcetei**, transliteração propugnada por Correa (1992, p. 276).

Se a de Solier for a leitura acertada, **cetai** deve estar para **cetar**, assim como *bizcai* está para *bizcar* (Trask, 1997, p. 332; Orpustan, 1999, p. 279). No que diz respeito ao componente **bacaŕs**, o mesmo constitui a base do NL *Bac(c)asi(s)* < **bacaŕs*, atestado em Ptolemeu (*Geog.* 2.6.71) e na epigrafia ampuritana (*CIL* II 4625; *IRC* III 50) (Tovar, 1989, p. 445; *TIR*, K/J-31, p. 39).

baiboś. Placa de chumbo. Ullastret (Girona). *MLH III 2 C.2.5.*

Se **bai** é componente nominal sobejamente conhecido, o segmento com que termina o supracitado **baiboś** (C.2.5) é bem mais raro, havendo que juntar **boścen** (B.9.2) e ENNEBOX (Gorrochategui, 1984a, p. 202, n.º 173) aos exemplos arrolados por Untermann (*MLH III 1*, p. 221).

bařtaśco. Placa de chumbo. Ullastret (Girona) *MLH III 2 C.2.3.*

O segmento inicial deste NP encontra-se igualmente atestado em **bařtaśtolof** (C.17.1) e em **wisebařtaś** (G.13.1) (Michelena, 1979, p. 31; Faria, 1994a, p. 68, 2000a, p. 140). Queremos, no entanto, aproveitar este ensejo para sublinhar a intrigante semelhança que o NP em apreço guarda com o NL medieval *Artazcoiz* (Belasko, 1999², p. 102; Orpustan, 1999, p. 271). Face aos diversos exemplos apresentados por Michelena (1977², p. 258) de aférese de oclusivas sonoras em basco, inclusive ante vogal central, não podemos deixar de sugerir que o NL *Artazcoiz* < **Artazconis* seja o resultado da evolução do NP **bařtaśco**. O mesmo tipo de mudança fonológica leva-nos a acreditar que o NL *Urtarroz/Hurtarroz/Urtarroç* (Belasko, 1999², p. 419-420; Orpustan, 1999, p. 270) < **Urtarro* terá derivado de *gurtar*, radical do conhecido NP GVRTARNO (TSall).

bartildun. Placa de bronze. Cabezo de las Minas (Botorrita, Zaragoza). *MLH V 1*, p. 63.

Já provámos há alguns anos (Faria, 1997, p. 107) que o segmento antroponímico ibérico **bart** não passa de uma criação de Jürgen Untermann (1996a, p. 130). O que temos aqui só pode ser **barti-(i)ldun** ou **bar-ti-(i)ldun**, NP cuja parte terminal se encontra atestada em VMARILLVN (TSall), **isCeildun** (F.21.1), **aidiCeldungi** (G.15.1) < **aid(u)-iCe-(i)ldungi* (Faria, 2000b, p. 62), **dueidiCeildun** (F.21.1) < **dueid(u)-iCe-ildun* (Faria, 2000b, p. 62), **iluntoř** (F.20.2), **uřtalarilun** (F.9.5), **labeisildunir** (F.20.1), ILVNNOSI (gen.) (Gorrochategui, 1984a, p. 228, n.º 232), ASTOILVNNNO (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 309-310, n.º 462), ILVNNI (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 333-334, n.ºs 553-555), **olcairun** (CNH 260:1) e, na toponímia medieval, em *Ilundayn/Ylundain* (Belasko, 1999², p. 238) < **Ilundo*. Experimentamos, pois, algumas dificuldades em perceber por que razão Wodtko (*MLH V 1*, p. 63) segue sem hesitações o errado caminho desbravado por Untermann (1996a, p. 130; 1994-1995 [1997], p. 137, *MLH IV*, p. 591), assimilando ilicitamente **bart** a **bartas**. Tão-pouco faz qualquer sentido segmentar o NP ibérico **barnai** em **barn-ai** (*MLH IV*, p. 591; *MLH V 1*, p. 62), resultando desta análise a invenção de um inverosímil formante **barn**. A fonotáctica ibérica leva-nos a considerar **barnai** um NP bimorfemático segmentável em **bar-nai**. **bar** está também documentado em **barbin** (F.9.7 e F.17.2), **barbor** (E.1.312, .313) e no NL medieval *Bardos* (Orpustan, 1999, p. 271), procedente do NP **Bardo*.

Gostaríamos ainda de tecer alguns comentários sobre **bilosban**, **aniescor** e **TarCunbiur/TarCulaur**, três NNP ibéricos também gravados no BB III. Wodtko (*MLH V 1*, p. 79) nada diz sobre o componente com que encerra **bilosban**, que foi por nós identificado em vários NNP ibéricos bem antes da publicação da tábuca de bronze em causa (Faria, 2000a, p. 130, com bibliografia anterior), facto omitido não só pela mencionada investigadora como também por Untermann (1996a, p. 133, 1994-1995 [1997], p. 138, *MLH IV*, p. 592) e por Correa (2001b, p. 308 e n. 24).

No tocante a **aniescor**, convém recordar que este se apresenta de acordo com a ortografia celtibérica, correspondendo naturalmente a **anieścor**. Considerando que **ani-ěscor** parece ser a maneira mais sensata de o segmentar, é bem provável que tenha sido **ěscor** a originar o hidrónimo medieval *Ezcoriz* (Belasko, 2000, p. 457).

Falta-nos ainda falar de outro NP ibérico, que foi objecto de duas transliterações: **TarCunbiur** e **TarCulaur** (Untermann, 1996a, p. 156, 1994-1995 [1997], p. 137, *MLH IV*, p. 600;

MLH V 1, p. 363). Uma observação atenta da correspondente reprodução fotográfica (Beltrán, De Hoz e Untermann, 1996, p. 241, fig. 11) deixa entrever a presença, até agora não detectada, de um grafema cuja parte visível consiste numa barra vertical imediatamente antes do signo de **u**, facto que inviabiliza qualquer das transliterações propostas.

BELCILESVS. Mosaico. *Segobriga* (Cerro de Cabeza de Griego, Saelices, Cuenca). Gómez Pallarès, 1997, p. 88-90.

Este NP ibérico constitui a latinização de **belceles*. **BELGONI** (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 315-316, n.º 475), **belordin** (Fletcher e Silgo, 1991-1993, p. 90), **belsosin** (F.20.3), **BELTESONIS** (gen.) (Gorrochategui, 1984a, p. 162, n.º 83), **borbelior** (C.2.3) e **VNIBEL** (*HEp*, 7, 1997, 300) documentam o componente **bel**, enquanto **celes** participa de **tarticeles** (Faria, 1997, p. 110). **celes** deve corresponder à aglutinação de **cel** e **es** (Faria, 1997, p. 110, 1999, p. 159), optando Rodríguez Ramos (2001, p. 16 e n. 11), que omitiu o que escrevemos sobre este assunto, por considerar **celes** o resultado de **ce** + **les**. Contudo, o formante nominal **les**, por ele encarado como variante de **leis**, não conta com um só testemunho em ibérico, devendo o radical do NP **LEXEIA** (Gorrochategui, 1984a, p. 232, n.º 241) pertencer à língua gaulesa (Delamarre, 2001, p. 169). A passagem de **celes** a **CILES** conta com um claro paralelo em **BILESETON** < **beleseton* (*MLH III* 1, p. 216).

bendian. Moedas. Ceca indeterminada (*Mendi?*). *CNH* 257:1-8.

Nas linhas que num texto anterior dedicámos a esta legenda, faltou referir que já J. Caro (1947, p. 233 = 1985, p. 159) havia identificado na mesma um sufixo de locativo *-n*. Se, tal como é nossa convicção, **bendian** constituir a toponimização em locativo (“inessivo”) determinado de temas em vogal (**bendi-an**) do apelativo paleobasco (e ibérico?) correspondente a ‘montanha’/‘monte’, não será de todo descabido acreditar que a legenda celtibérica **barscunez** (abl. sg.) (Villar, 1995, p. 130) partilha com aquela o mesmo significado, porquanto, segundo Tovar (1951, p. 277, 1961, p. 130), o radical deste último nome remete para o PIE **bhars* ‘montanha’/‘monte’. A associação entre **bendian** e **barscunez** é por demais evidente, já que, nos anversos das moedas que reproduzem a primeira legenda, figura **bengoda**, lexema presente na mesma face de algumas cunhagens que ostentam nos respectivos reversos a legenda **barscunez** > **bascunez** (por assimilação). O radical de **bengoda** deverá ser o mesmo que encontramos em **bendi(an)**, se deste NL fizer parte o sufixo *-di*, bastante produtivo na toponímia basca medieval (Orpustan, 1999, p. 266). Em conformidade com este pressuposto, ainda por demonstrar, a presumível raiz paleobasca **ben* corresponderia a ‘montanha’/‘monte’, devendo procurar-se no segundo elemento de **bengoda** a origem do sufixo colectivo *-goa*, reproduzido em *Gipuzcoa*, *Nafarroa*, *Zuberoa* (Trask, 1997, p. 332-333) e em *Ameskoa/Amescoa* (Belasko, 1999², p. 65-66). Assim, **bengoda** constituiria a designação dos habitantes de **bendi/*barscu*.

berbai. Têssera de chumbo. Camp de les Lloses (Barcelona). Panosa, 2001, p. 530-531.

Além dos *comparanda* indicados por Panosa para **ber**, cabe referir igualmente **berti** (Campmajó e Untermann, 1993, p. 511) e **bersíf** (G.7.2) (Faria, 1994a, p. 69), caso a segmentação correcta não seja **bers-íf**, se atendermos aos casos de **berstan** (G.17.1) (Faria, 1990-1991, p. 76, 84) e de **BERSEGI** (gen.) (Gorrochategui, 1984a, p. 163-164, n.º 85), analisáveis em **bers-tan** (Faria, 1994a, p. 67) e em **BERS-EGI**. **bosberi** (C.2.3) é um dos exemplos invocados por Panosa, mas tal NP deve ser decomposto em **bos-ber-iun**. Quanto ao componente **bai**, tivemos há alguns anos o ensejo de fornecer um nutrido grupo de nomes próprios onde aquele está presente (Faria,

1995b, p. 323-324): **baitolo** (CNH 198:1-6), **anbaicaf** (B.10.1), **tur(a)bailur** (G.1.1), **síbai** (C.4.1), **baiboś** (C.2.5), **euštibaicula** (CNH 187:1-4), BAIASE (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 311-312, n.º 465), BAIGORIXO (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 312, n.º 468), BAIOSI (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 313-314, n.º 470) e BAIGORRI (Orpustan, 1997³, p. 127-128, n.º 160, 2000, p. 109). A este conjunto, já expurgado do inexistente **cabai** (Faria, 1995b, p. 324), há que adicionar BAILO < **bai(i)ldun* (Faria, 2000b, p. 61) e, porventura, BAISVRI (v. *infra*). Curiosamente, nenhum deles foi agora aduzido como termo de comparação por Isabel Panosa. Vale a pena recordar aqui que *ibai* ‘rio’ é uma derivação tardia de *bai* (Orpustan, 2000, p. 109; Faria, 2000a, p. 132, com bibliografia anterior; *contra*, Belasko, 2000, p. 105, 429), não estando aquela forma documentada antes do século XV (Orpustan, 2000, p. 109).

bonco. Placa de chumbo. Punta del Castell (Palamós, Girona). *MLH III 2 C.4.1*.

O radical de **bonco**, NP que Untermann não usou na elaboração do seu repertório antroponímico ibérico, repete-se em **aibon** (H.2.1), ANDOXPONNI (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 142, n.º 45), BONBELEX (Gorrochategui, 1984a, p. 169, n.º 93), BONCOXSI (gen.) (Gorrochategui, 1984a, p. 169-170, n.º 94), BONXVS (Gorrochategui, 1995, p. 213), CISSONBONNIS (gen.) (Gorrochategui, 1984a, p. 186-187, n.º 138) e BONTAR (Gorrochategui, 1984a, p. 174, n.º 103). Deve ser um NP idêntico a este último que subjaz ao corónimo *Mondarrain* (Ramírez, 1988a, p. 187) < NP **Mondarro*.

[Caisur?]anar. Placa de chumbo. Proveniência desconhecida. *MLH III 2 C.0.1*.

Não podemos deixar de colocar algumas reticências à transliteração, oferecida por Untermann (*MLH III 2*, p. 14), do primeiro componente do NP em análise. Quanto a **anar**, trata-se de um dos numerosíssimos segmentos onomásticos que Rodríguez Ramos (2000 [2001], p. 261) ignora. É certo que Untermann (*MLH III 1*, p. 210) não fornece mais nenhum exemplo seguro da sua ocorrência, podendo admitir-se que LVSPANAR (TSall) se decompõe em LVSPAN-AR. Estamos, contudo, convictos de que é o mesmo formante que subjaz ao NL medieval *Anardos* (Belasko, 1999², p. 320; Orpustan, 1999, p. 270-271), formado a partir do NP **Anardo*.

Caresbobigir. Vaso de cerâmica. Tossal de Sant Miquel (Llíria, València). *MLH III 2 F.13.3*.

Este NP deve ser analisado como **Cares-bo-bigir**, segmentação que propusemos há uma década (Faria, 1990-1991, p. 86, 1994a, p. 70), bem antes, pois, de 1997 (*contra*, Rodríguez Ramos, 2001, p. 9, n. 1). **Cares**, o componente inicial, que foi por nós isolado antes da publicação do BB III, facto omitido por Rodríguez Ramos (2001, p. 9), é sistematicamente transliterado por este iberista como **Caresé** (Rodríguez Ramos, 2001, p. 9, 12), talvez por influência da ortografia celtibérica usada no dito bronze. Aliás, não é este o único erro que detectámos na transliteração veiculada por Rodríguez Ramos, porquanto, segundo o pouco feliz sistema criado por Untermann e por aquele perfilhado, **kafeśbobigir** está por **kafeśbobigirí**. Convém ter presente que, desde 1997, vimos transcrevendo os signos de vibrante de acordo com o sistema pertinentemente sugerido por Correa (1994a, p. 339, 341, proposta B) e mais tarde abandonado pelo próprio sem qualquer explicação (Faria, 1997, p. 105). Rodríguez Ramos declara igualmente que “también Faria (1997: 107) propone el onomástico **kafeś-bo-bigir**, aunque sin entrar a evaluar el infijo **bo**” (Rodríguez Ramos, 2001, p. 9, n. 1). No entanto, se não caracterizámos devidamente o infixo **bo**, também chamado, de um modo discricionário, “infixo” (entre aspas) por Rodríguez Ramos (2001, p. 9) — e a isto de reduz a análise do pretense infixo (ou “infixo”?) por ele realizada —, é porque acreditamos que **bo** é um dos três elementos nominais que integra **Caresbobigir**, estando

igualmente atestado em **adinbobeś** (Campmajó e Untermann, 1993, p. 514-515), **argibo** (B.8.20), **arfsboildir** (Silgo e Tolosa, 2000, p. 41), **biurbo** (B.7.32), **bortoloiCebobañ** (C.2.19), **culebober** (C.2.3) (Rodríguez Ramos, 2001, p. 9), HANNABI (gen.) (Gorrochategui, 1984a, p. 216, n.º 201) e HARSPI (gen.) (Gorrochategui, 1984a, p. 222, n.º 217).

culeśař. Bloco de pedra. Ensérune (Hérault). Untermann, 1999 [2000], p. 107.

Admitindo, embora com muitas reservas, que é correcta a leitura avançada por Untermann e perfilhada por Velaza (2001, p. 651), do nosso ponto de vista, são plausíveis três segmentações para o NP em apreço: **culeś-śař**, **culeś-sař** e **culeś-ař**. O componente inicial faz parte de diversos NNP, entre os quais podemos referir **culeśiř**, segmentável em **culeś-iř** (Silgo, 1994, p. 183; Faria, 1994a, p. 67, 70, 1995b, p. 326, 2000b, p. 63) ou em **culeś-(s)iř** (MLH III 1, p. 227), e **culeśuri**, segmentável em **culeś-uri** (Faria, 1995b, p. 326; v., no mesmo sentido, Velaza, 2001, p. 644 e n. 20, que omite o nosso artigo) ou em **culeś-suri** (MLH III 1, p. 227). Não é inteiramente segura a existência do formante onomástico **suri**, mas ele pode ocorrer em **cařsuri** (Faria, 2001, p. 99), NP que Correa (2001b, p. 312), sem aduzir quaisquer provas, supõe não-ibérico, e mesmo em BAESVRI, caso optemos pela segmentação BAE-SVRI < **bai-suri* ‘rio branco’ de preferência a **bais-uri*, por analogia com BAI-GORRI ‘rio vermelho’ (Orpustan, 1997³, p. 127-128, n.º 160; Faria, 1995b, p. 323-324). **Aesuri* é uma forma toponímica espúria, recentemente reabilitada a fim de servir análises etimológicas “indo-europeístas” (Villar, 2000, p. 43, 194, 303, *passim*; Rodríguez Morales, 2001, p. 114).

Voltando à análise de **culeśař**, deve ser também com **culeś** que se inicia o patronímico de um dos magistrados mencionados numa emissão de *Castulo* (CNH 339:70-71): L(*ucius*) Q‘VL’(es...) F(*ilius*)/L(*ucius*) C‘VL’(es...) F(*ilius*) (Faria, 1991a, p. 16, 1994b, p. 47, n.º 221, 1995b, p. 326). Cabe, no entanto, a hipótese de estarmos perante o segmento **cul(e)** (Faria, 1995b, p. 326).

A segunda parte do NP deverá ser constituída por **śař**, formante nominal cuja existência, já intuída por Solier (1979, p. 82, 85, 89) e só agora reconhecida por Untermann (1999 [2000], p. 108), foi por nós mencionada repetidas vezes a propósito de **ildirśař** e de **tolosař** em trabalhos que fomos publicando ao longo da última década (Faria, 1990-1991, p. 85, 1994a, p. 67, 1997, p. 111), todos eles omitidos pelo erudito alemão (Untermann, 1999 [2000], p. 108). Em alternativa a **śař**, também **sař**, presente em **lorsař** (Faria, 1997, p. 111), ou mesmo **ař**, documentado em **ařdigan** (Campmajó e Untermann, 1993, p. 513) e em **uřtalařilun** (Faria, 1994a, p. 69, 1999, p. 153), são passíveis de fazer parte do NP agora analisado. Nenhuma destas alternativas foi contemplada por Correa (2001b, p. 313, 314).

Sem embargo das considerações acima expendidas, não podemos deixar de reiterar as nossas reservas a respeito da leitura proposta por Untermann. Assim, a fotografia que ilustra o artigo (Untermann, 1999 [2000], p. 107, Fig. 1) deixa entrever a existência, inadvertida na transliteração, de um grafema no final da segunda linha, entre **cule** e **śař**. Untermann (1999 [2000], p. 108, Fig. 2) vislumbrou dois signos no termo da segunda linha, mas não se atreveu a identificá-los. Por outro lado, onde Untermann (1999 [2000], p. 108, 2001b, p. 619) e Velaza (2001, p. 651) leram **iubebařete** (na primeira linha) e **argiteibase** (na terceira linha), preferimos ler, respectivamente, **iubeba[-]ate** e **a[-]cidei[-]e**.

egine<i>ti<n>. Téssera de chumbo. Camp de les Lloses (Barcelona). Panosa, 2001, p. 530-531.

NP ibérico composto por **egi** e por **neti**, formante que Panosa (2001, p. 531) entende ser, com alguma pertinência, variante de **netin**. Não cremos que **egi** tenha qualquer relação, mesmo que longínqua, com **eges* (*contra*, Panosa, 2001, p. 531), elemento onomástico de muito duvi-

dosa existência (v. *infra*). Foi pena que Panosa não se tenha dado conta de que **egi** ocorre em vários NNP ibéricos conhecidos de há muito (Faria, 1995a, p. 80, 85): **becuegi** (CNH 345:26-35) (Faria, 1994b, p. 41, n.º 76, 1995a, p. 80, 1996, p. 155), **uecuegi** (CNH 355:1-4) (Faria, 1994b, p. 55, n.º 391, 1995a, p. 85, 1996, p. 175), **egisír** (B.1.373) (Faria, 1995a, p. 80), **egisir** (D.12.1) (Faria, 1995a, p. 80) e BERSEGI (gen.) (Gorrochategui, 1984a, p. 163-164, n.º 85).

eiařcida[l]s. Pega de testo. Illeta dels Banyets (El Campello, Alacant). Olcina, 2001, p. 32.

NP ibérico trimembre, seguido do conhecido sufixo *-Te*. **bodotaś** (Faria, 1990-1991, p. 85, 1994a, p. 67), **Caresír** (Faria, 1990-1991, p. 86, 1994a, p. 70, 1997, p. 107), **celtibeles** (Faria, 1990-1991, p. 86, 1994a, p. 67), **laurbefton** (Faria, 1990-1991, p. 86, 1994a, p. 67) e, possivelmente, **selgisosincas** (Faria, 1991b, p. 190, 192; *contra*, Faria, 2001, p. 96) contam-se entre os numerosos NNP a que aquele sufixo se encontra posposto (*contra*, MLH III 1, p. 177-178).

eiařcida[l]s, presumível identificação do fabricante, ou, mais provavelmente, do proprietário, é formado por **eiař** (MLH III 1, p. 222), por **cidi**, já atestado em F.17.2, e por **tals** (Gorrochategui, 1984a, p. 276, Silgo, 1994, p. 126). O limite morfemático deste último elemento onomástico não tem sido reconhecido por todos os que, talvez por não admitirem a ocorrência de NNP ibéricos trimembres, têm vindo a individualizar um pretense componente **talsco/talscu** (MLH III 1, p. 232; Correa, 1994b, p. 280, 2001b, p. 315; Gorrochategui, 1995, p. 215; Trask, 1997, p. 182; Quintanilla, 1998, p. 115-116; Silgo, 2000, p. 281; De Hoz, 2001a, p. 341; Rodríguez Ramos, 2000 [2001], p. 261, 262). **tals** surge em **talsco** (F.11.14), TALSCONIS (gen.) (Gorrochategui, 1984a, p. 276, n.º 349), **talscubilos** (B.1.29), TALSEIAE (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 276-277, n.º 350) e em TAVTINDALS (TSall).

Não deve ser descartada a hipótese de **cidi** constituir uma variante de **cide**, formante com que se inicia **cidetitor** (G.7.2) (de acordo com a transliteração do penúltimo signo proposta por Rodríguez Ramos [2000, p. 31, n. 19]), estando o segundo elemento, por sua vez, aparentemente documentado em **]tigertitor** (F.13.2). Tão-pouco deve ser excluído um parentesco entre **cidi** e **cidei**, integrante dos NNP **abarieicide** (F.13.4), **abarieicide** (F.6.1), (Faria, 1990-1991, p. 82), **a[-]cidei[-]e** (v. *supra*), **cideibořs** (F.20.1) e **śalcidei** (Solier, 1979, p. 82, 84) (Faria, 1994a, p. 68).

Por seu lado, o elemento **(e)iař** consta de IARBONIS (gen.) (Gorrochategui, 1984a, p. 226-227, n.º 228), **iařiber** (E.13.1), **isceriař** (G.15.1), **lacereiařtur** (C.1.5) (MLH III 1, p. 222; Faria, 1992-1993, p. 278) e de **śalbiriař** (Faria, 2000a, p. 138). Também o NL basco medieval *Iarnoz* (Orpustan, 1999, p. 270) provém de um NP composto por aquele elemento e pelo sufixo hipocorístico *-no*.

eiCesbiur. Placa de chumbo. Sagunt (Valência). Silgo e Gozalbes, 1996-1997, p. 83; Velaza, 2001, p. 642.

A ausência de pontuação entre **eiCe** e **sesbiur** leva-nos a propor a leitura de mais um NP ibérico trimembre: **eiCe-ses-biur**. **ses** e **sesin** (v. *infra*) devem ser acrescentados à curta lista de componentes onomásticos possuidores de duas sibilantes elaborada por Correa (2001b, p. 308).

Ελερυας. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigean, Aude). Lejeune, Pouilloux e Solier, 1988, p. 53; IGAI 7.

Temos de reconhecer que popularidade de Βλερυας é inesgotável, tantos são os trabalhos que têm veiculado tal transcrição. A maior parte deles já foi por nós recolhida noutros textos,

mas o seu número continua a aumentar (Rodríguez Somolinos, 1996, p. 77, 78; Fatás, 1997, p. 38; De Hoz, 1999a, p. 67, 68, 73; Decourt, 2000 [2001], p. 116, 118, 120). Só o prestígio dos autores da *editio princeps* pode justificar uma leitura que, mais tarde ou mais cedo, terá de ser abandonada em benefício de Ελερυας (Faria, 1994a, p. 69, 2000a, p. 131, 2000b, p. 63, 2001, p. 99), por muito que isso custe a quem, como o Professor Javier de Hoz (1998a, p. 141, 1998b, p. 120-121, 1999a, p. 81, 2001b, p. 57), se tem apoiado em Βλερυας e em [-]αυαρυας para sustentar a tese da participação de indivíduos indígenas (não-ibéricos) na transacção comercial descrita no chumbo de Pech Maho. Estes dois NNP têm em comum o conhecido elemento υας (**baś**), que poderá estar documentado no NL *Baçtan/Baztan* (Michelena, 1997⁵, p. 68, n.º 138; Belasko, 1999², p. 127-128) e no hidrónimo *Bastanes* (Belasko, 2000, p. 433), de tal modo evidentes são as semelhanças que ambos mantêm com o NP **[ba?]staneś** (C.10.1). Importa, todavia, sublinhar que **ba** é apenas uma das restituições possíveis, havendo igualmente que admitir como alternativas, decerto bem menos prováveis, **[be?]staneś** (Faria, 2001, p. 96), **[bo?]staneś**, **[ge?]staneś** ou **[gi?]staneś**.

A verdade é que, nos dias de hoje, a preeminência do suposto Βλερυας tem sido avassaladora, pelo que só em parte nos surpreende que Ελερυας tenha sido omitido por Correa (2001b, p. 315) no tratamento da onomástica ibérica possuidora de sibilante(s), reproduzida em textos gregos; já nos custa mais a compreender que o dito investigador tenha procedido à exclusão de Αστολπας ~ **ástolbas* (Faria, 1990-1991, p. 83, 1994a, p. 70), [N]αυαρυας ~ **nabarbas* (Faria, 1991a, p. 18), *sacarbes* (Faria, 1995b, p. 328) e *uisebarťas* (Michelena, 1979, p. 31; Faria, 1994a, p. 68, 2000a, p. 140). De resto, entre os exemplos de nomes ibéricos detentores de sibilante, constantes de textos latinos (Correa, 2001b, p. 314), podiam ter sido invocados *Aeso* (Faria, 1995b, p. 326), *Biscargi* (Faria, 1998a, p. 230), GESELANDEN (Faria, 1995a, p. 81-82), *Illuersensis* (Faria, 1995a, p. 80-81, 1995b, p. 324-325), NESILLE (Faria, 1991a, p. 17-18, 1995a, p. 83-84, 2000a, p. 137), *Otobesa* (Faria, 1995b, p. 328), SALPA (Faria, 1994a, p. 70, 1994b, p. 53, n.º 328, 1995b, p. 328), *Sigarra* (Faria, 1997, p. 110, 2000b, p. 64), SIRASTEIVN (Faria, 1997, p. 110), OSTVR (Faria, 1999, p. 154) e [V]RESVNIN (Faria, 1995b, p. 329). Tão-pouco descortinámos o NP celtibérico **šten(ion)tis** (Faria, 1997, p. 110) entre os antropónimos não-ibéricos reproduzidos em textos ibéricos (Correa, 2001b, p. 311-312).

Ainda a propósito do chumbo de Pech Maho, não sabemos até quando insistirá o Professor Correa (1992, p. 266, 283, 1994a, p. 341, 1994b, p. 273, n. 25, 2001b, p. 315) em ler Βασιγ-γερρος em vez de Βασιγερρος (Faria, 2000b, p. 62).

Gorrochategui (1984a, p. 209, n.ºs 189-190) não o diz, mas **gere**, segmento nominal que, além de estar subjacente a γερρος, ocorre em vários outros NNP ibéricos (*MLH* III 1, p. 226; Untermann, 1991-1993, p. 100; Correa, 1992, p. 266-267), constitui certamente a base do NP GEREXO (Gorrochategui, 1984a, p. 209, n.º 189).

eśo. Moeda. **eśo** (Isona, Isona i Conca Dellà, Lleida). *MLH* I 1 A.17; *CNH* 183:1-3.

Tal como notámos noutra ocasião (Faria, 1995b, p. 326), este NL é decomponível em **eś-o**, ocorrendo este último sufixo toponímico igualmente em **ieśo**, **ilduśo**, **lauśo** e **Caio** (*MLH* I 1, p. 80; Faria, 1995b, p. 326). Outros NNL apresentam -e como sufixo, encontrando-se neste caso **ařse**, **belse**, **celse**, **cese**, **laieśCen** e, naturalmente, **auśesCen** (*MLH* I 1, p. 80-81; Faria, 1995b, p. 325). Não compreendemos como Correa (2001b, p. 307, n. 17) pôde eximir-se a esta análise, ao tratar de **eśo**, **ieśo** e **auśesCen**. Sendo *Aeso* a latinização de ib. **eśo**, todas as tentativas de individualizar naquela forma uma raiz indo-europeia parecem estar condenadas ao fracasso (*contra*, Villar, 2000, p. 303; Rodríguez Morales, 2001, p. 114 e 121, n. 39).

eteśiCe. Cerâmica. Cabezo de Alcalá (Azaila, Teruel). *MLH* III 2 E.1.124.

O Professor Correa (2001b, p. 306, n. 9) diz deste NP, sem invocar um só motivo, que “tiene todas las trazas de ser celtibérico”. Afigura-se-nos mais razoável pensar que **eteśiCe** é um NP ibérico em cuja composição entram **eteś** e **iCe**. O elemento inicial ocorre em **eteśur** (ou **eteścer**) (C.2.4), sendo verosímil um eventual parentesco entre aquele e **beteś**, atestado em **beteścon-gili** (C.2.22) e em **atanbeteś** (Campmajó e Untermann, 1993, p. 507). O segundo formante consta de numerosos NNP, a seguir devidamente segmentados, tendo muitos deles escapado à atenção de Untermann (*MLH* III 1, p. 223): **aid(u)-iCe-(i)ldun** (G.15.1) (Faria, 1990-1991, p. 77, 82, 1991b, p. 188, 1994a, p. 65, 2000b, p. 62), **aiun-iC(e)-arbir** (G.14.1) (Faria, 1994a, p. 65, 66), **bel-agás-ik-aur** (G.1.1) (Faria, 1994a, p. 67, 1998b, p. 238), **canan-iCe** (H.5.1) (Faria, 1991b, p. 188, 1999, p. 155), **CuTu-bo-iCe** (F.9.7) (Faria, 1991b, p. 188), **dueid(u)-iCe-ildun** (F.21.1) (Faria, 1991b, p. 189, 1994a, p. 65, 2000b, p. 62), **gan-ik-bos** (G.13.1) (Faria, 1994a, p. 65, 1999, p. 155, 2000a, p. 140), **orce-iCe-laur** (D.12.1) (Faria, 1991b, p. 189-190, 1994a, p. 65) (caso não se segmente em **orcei-cel-auf**: v. *supra*), **oro-iC(e)-aśtor** (Faria, 1990-1991, p. 87, 1994a, p. 70), **setal-iCe** (F.17.2) (Faria, 1994a, p. 70) e **ustar-iCe** (F.20.1). Mais remota, conquanto não totalmente inadmissível, é a eventualidade de este mesmo componente fazer parte de ICSTNIS (*CIL* II²/5, 409), NP que, contudo, poderá pertencer à onomástica turdetana (Faria, 2000a, p. 126). Convém frisar que, independentemente do valor morfológico atribuível a *-iCe-*, as segmentações acima apresentadas são todas da nossa autoria, facto omitido por Rodríguez Ramos (2001, p. 17).

GESEL'AND'EN. Estela de arenito. Proveniência indeterminada. *IRMN* 58.

Aos diversos autores que seguiram Javier Velaza (1993a, p. 80, 1995, p. 213) na leitura deste *cognomen*, decomponível em GES-ELAN-DEN (**geś-elan-din*) (Faria, 1995a, p. 81-82), como GESE-LADIN (Gorrochategui, 1995, p. 223-224; *HEp* 5, 1995, 636; Castillo, 1997a, p. 131, 137, n.º 46 = 1997b, p. 299, 305, n.º 46), leitura que se nos afigura dificilmente sustentável (Faria, 2000a, p. 131), teremos de acrescentar agora Francisco Beltrán (2000, p. 92, 93). **geśdin**, considerado por Correa (2001b, p. 312), sem aduzir um só argumento, como NP não-ibérico, foi um dos paralelos que em tempos apontámos para GESELANDEN (Faria, 1994b, p. 45, n.º 174, 1995a, p. 81-82). Conquanto provável, não é, porém, inteiramente segura a interpretação deste vocábulo como NP (Faria, 1996, p. 158). Estamos convencidos de que é com **geś** que terminam os NNP ENNEGES, AVSAGES e NARHVNGESI (dat.) (Gorrochategui, 1993a, p. 628-629, 1993b, p. 149, 1995, p. 225; Faria, 1995a, p. 81-82), concorrendo para a aceitação da existência deste elemento onomástico, por um lado, a ocorrência de **tigés** em **urcetigés** (C.21.1) (Correa, 1992, p. 284; Pérez Orozco, 1993a, p. 62; Faria, 1994a, p. 68), componente formado a partir daquele (**ti** + **geś**) e, por outro, a convicção de que **giś**, presente nos NNP **bangiś** (G.7.2) (Faria, 1990-1991, p. 77, 79, 1991b, p. 190, 1994a, p. 66), **ildirgiś** (Faria, 2000b, p. 64) e **boiśtingiś** (G.1.1), constitui uma variante de **geś**, convicção fundada no significativo número de casos que testemunham em ibérico a oscilação vocálica *e/i* (*MLH* III 1, p. 153; Quintanilla, 1998, p. 178-180).

A teoria exposta por Rodríguez Ramos (2001, p. 7, 15, 18) acerca da presença em determinados segmentos onomásticos ibéricos de um “prefixo” *ti-* já havia sido formulada anteriormente (Pérez Orozco, 1993a, p. 62). O mesmo se diga, aliás, a respeito do “prefixo” *be-*, por nós identificado há alguns anos (Faria, 1994a, p. 69) num texto que Rodríguez Ramos (2001, p. 7, 16, 18) não citou.

giscerbonesé. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigean, Aude). Solier, 1979, p. 81.

Além deste, apenas TANNEGISCERRIS (gen.) (*CIL* II²/14, 145) parece incorporar o componente nominal **giscer**. A substância da nossa hesitação reside na possibilidade – transformada por Untermann (*MLH* III 1, p. 233) num facto indiscutível – de o limite morfemático se situar entre TANNEG e ISCERRIS. Uma tal possibilidade é caucionada por TANNEGADINIA (*CIL* II²/14, 148), mas já não por TANNEGALDVNIS (gen.) (*CIL* II²/14, 759) nem por TANNEPAESERI (dat.) (*CIL* II *Suppl.* 5840). Ainda assim, à imagem do que Untermann postula para TANNEGALDVNIS (*MLH* III 1, p. 233), NP tido por Arasa (2001, p. 42) como gen. de um inadmissível **Tannegaldunnum*, não é de excluir que TANNEGISCERRIS se decomponha em TANNEG-(G)ISCERRIS.

Quanto à segunda parte do NP que nos ocupa, aos quatro exemplos da ocorrência de **bonesé** fornecidos por Untermann importa adicionar BONEXSI (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 171, n.º 96) e BONNEXIS (Gorrochategui, 1984a, p. 172-173, n.º 100).

HELASSE (dat.). Ara votiva. Miñano Mayor (Álava). Gorrochategui, 1984a, p. 330, 349, 1984b, p. 264-265.

Se o ND STOLOCO (dat.) < **Stolocus* < **Stoloco*, documentado numa inscrição votiva de Asque (Hautes-Pyrénées) (Fabre, 1999, p. 155-156), constitui o resultado da palatização expressiva de TOLOCO/**tolocu**, atestado como NP na epigrafia latina e celtibérica (Faria, 1997, p. 111), então é de admitir que STELAITSE (dat.) (Velaza, 1992a, p. 367-369) < **Stelaitse*, ND mencionado em três epígrafes procedentes de Barbarin (Navarra), resulte da palatização expressiva de **Telaitse*. Ficaria assim encontrada a origem da forma HELASSE (dat.) < **Helasse*/**Helats*, numa clara repetição da alternância ortográfica (ou evolução fonológica?) detectável no formante onomástico ibérico-paleobasco TALS-, cuja dental, em determinadas inscrições, deu lugar a uma aspirada: HALS- (Michelena, 1977², p. 256; Gorrochategui, 1984a, p. 213, 276, 330, 351, 1984b, p. 264). As semelhanças entre HELASSE e STELAITSE já haviam sido postas em evidência por Gorrochategui (1984b, p. 264), sem que para as mesmas tivesse sido encontrada uma explicação convincente. Tais afinidades não serviram de obstáculo a que Ramírez, num primeiro trabalho (Ramírez, 1988b, p. 150 e n. 8), individualizasse em STELAITSE elementos aquitanos, não deixando, num texto posterior, de atribuir HELASSE à onomástica ibérica (Ramírez, 1992, p. 289).

Convém sublinhar que a inclusão do supracitado NP ibérico TOLOCO/**tolocu**, recentemente preconizada por Wodtke (*MLHV* 1, p. 409), na onomástica celtibérica não é original (Pena, 1995-1996, p. 243) nem credível (Faria, 1997, p. 111, 2000a, p. 123).

Um outro traço partilhado por HELASSE e STELAITSE reside no emprego do sufixo de dat. *-e* (Michelena, 1954/1985, p. 421; Gorrochategui, 1984a, p. 326, 373, 1984b, p. 263-264; Silgo, 1992, p. 772-773, 1994, p. 151; Pérez Orozco, 1993b, p. 222; Trask, 1997, p. 402; Faria, 1997, p. 106, 1998a, p. 231, 1999, p. 154). Deste modo, tendo em atenção, por um lado, os presumíveis *comparanda* em escrita ibérica e, por outro, a área de distribuição das inscrições votivas que reproduzem NND terminados em *-e*, e nunca em *-ae* (Michelena, 1954/1985, p. 421), somos forçados a reconhecer que nenhum deles veicula a morfologia nominal latina (*contra*, Michelena, 1954/1985, p. 421, n. 14; Jimeno, Tobalina e Velaza, 1998, p. 293; Faria, 2000a, p. 122) nem, tão-pouco, a gaulesa (*contra*, Faria, 2000a, p. 122).

IAVNINC(o?). Estela de arenito. Ermida de San Bikendi de Muntzaraz (Abadiño, Biscaia). Azkarate e García, 1996, p. 142-144, n.º 21.

Este NP conta com dois paralelos que Azkarate e García, ao terem optado por ler NVNINC(o), não trouxeram à colação: SOCEDEIAVNIN (Abascal, 1994, p. 514) e GALDVRIAVNIN (Abascal,

1994, p. 377). Se (*e*)*iaunin* participar exclusivamente de nomes femininos (*MLH* III 1, p. 205), fenómeno que não se verifica com *-unin* (Faria, 2000a, p. 141; *contra*, *MLH* III 1, p. 205), caberá a possibilidade de a letra que falta em IAVNINC ser um *a*, o que equipararia este NP a outros, tais como *Onneca* e *Urraca*, que ostentam o sufixo diminutivo *-ca* (Trask, 1997, p. 346). Note-se, contudo, que o sufixo *-co* também faz parte de NNP que identificam indivíduos do sexo feminino (Orpustan, 1999, p. 282; *contra*, Trask, 1997, p. 346).

ibeśor. Cerâmica. Ensérune (Hérault). *MLH* II B.1.25.

Os paralelos por nós fornecidos noutra oportunidade (Faria, 1995b, p. 326-327) deixam entrever para este NP a seguinte segmentação: **ibe-śor**. Não há, por conseguinte, quaisquer indícios da existência do componente antroponímico **ibeś** (Faria, 1995b, p. 326-327, 2000a, p. 127; *contra*, Untermann, *MLH* III 1, p. 222; Velaza, 1992b, p. 265, 1996, p. 43; Silgo, 1994, p. 173; Correa, 1994b, p. 276; Quintanilla, 1998, p. 81, 118, 133, 138-139; Rodríguez Ramos, 1999, p. 8, cuadro 3, 2000, p. 31, 2000 [2001], p. 261, 262; Ballester, 2001, p. 297, n. 63, 301). Em contraste, não são poucos os testemunhos de **beś**, devendo acrescentar-se BAMBIX (Gorrochategui, 1984a, p. 154-155, n.ºs 70-71), OMBEX (Gorrochategui, 1984a, p. 246, n.º 268) e SEMBESVS (Gorrochategui, 1995, p. 213, 214) aos casos por nós fornecidos recentemente (Faria, 2000a, p. 126).

ISAS. Placa de calcário. *Mirobriga* (Chãos Salgados, Santiago do Cacém, Setúbal). *IRCP* 144.

Num recente apontamento, no qual foi discutida a procedência linguística deste NP (Faria, 2000a, p. 135), não tivemos em devida conta os testemunhos fornecidos pela onomástica grega. Deste modo, olhando apenas aos dados coligidos nos volumes do *LGPN* já publicados (*LGPN* I, p. 238, II, p. 239, III.A, p. 224), ascendem a 19 os indivíduos denominados Ἰσως, número que parece dissipar todas as dúvidas sobre a origem do NP que nos ocupa.

ISCER. Moedas. *Castulo* (Cazlona, Linares, Jaén). *CNH* 332:14.

Nanota 13 do último artigo publicado por Rodríguez Ramos (2001, p. 17), pode ler-se o seguinte: “Compárese también con el «magistrado» de una moneda de Cástulo ISCER, que tanto puede ser unimembre como abreviatura”. Exceptuando as aspas que enquadram o termo “magistrado”, completamente dispensáveis, foi isto mesmo que escrevemos num trabalho omitido por Rodríguez Ramos (Faria, 1994b, p. 47, n.º 193; v. igualmente Beltrán, 1978, p. 207, n. 18; Faria, 1991a, p. 16).

laceréces. Placa de xisto. Empúries (L'Escala, Girona). Velaza, 2001, p. 655-656.

Este NP é segmentável em **lacerf-ecēs**. Curiosamente, nenhum dos componentes se encontra até agora documentado como formante onomástico ibérico. Apenas **lacer** (com outro signo de vibrante) está atestado (*MLH* III 1, p. 227-228), havendo alguns exemplos em escrita latina, designadamente LACERTARIA (*OPEL* 3, p. 15), que podem encobrir **lacerf** ou **lacer**. No tocante ao componente **ecēs**, o signo de sibilante com que o mesmo encerra só nos poderá levar a cotejá-lo com a base do NL **cese** (**ces-e**) (*CNH*, p. 158-171), nada tendo, pois, que ver com **geś**, formante com que termina ENNEGES (TSall), tal como quer Velaza. Vem a propósito assinalar que preferimos ver em ENNE a forma latina (duplamente assimilada) de **inde** (**inde-ges*) em detrimento de **ende** (Mariner, 1979, p. 76), porquanto só aquele primeiro formante é conhecido em escrita indígena, nomeadamente no NP **indebele[s]** (F.11.7). ENNE também poderia provir de **indi**, mas a existência deste segmento antroponímico, advogada tanto por Untermann (*MLH* III 1, p. 224) como por Rodríguez Ramos (2000 [2001], p. 261), baseia-se em dois testemunhos de fiabilidade bastante discutível.

laurco. Marca de ânfora. Jardí Park (Premià de Dalt, Barcelona). Olesti, 1995, p. 422 e Fig. 3, 1998, p. 254, n. 9.

Esta inscrição integrou uma compilação de epígrafes ibéricas recentemente descobertas na Catalunha (Panosa, 2001, p. 520-521). A autora da recolha relacionou **laurco** com **laurbo** (C.2.36), **lauriscer** (F.9.5), **laursu** (C.3.1) e **laurto** (C.2.4), mas omitiu **biurtilaur** (Untermann, 1996a, p. 133; Faria, 1997, p. 107), LAVRBELES (Abascal, 1994, p. 397), **laurbénton** (Faria, 2000a, p. 135-136), **laurbiñ** (C.4.1), LAVREIA (Gorrochategui, 1984a, p. 230-231, n.º 239), LAVRINAE (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 231, n.º 240), LAVROTICHE (Abascal, 1994, p. 397; Striano, 2001, p. 6), LAVRVSVNI (dat.) (Labrousse, 1980, p. 493) < **laurśu* e TAVACCALAVR (Abascal, 1994, p. 524). A despeito do diferente signo de sibilante, também o NL **laufo** (CNH 195:1-17) devia ter sido invocado como termo de comparação. No entanto, a omissão mais gritante é obviamente LAVRCO (Touget, Gers) (Gorrochategui, 1984a, p. 230-231, n.º 238).

lecarśor. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigean, Aude). Solier, 1979, p. 84.

Além de **lecarśor**, podemos indicar mais três NNP que contêm o componente **lecar**: **lecarco** (F.13.3), **lecarce** (Solier, 1979, p. 83, 84) e **Lecaro*, que terá dado origem ao NL medieval *Lecaroz* (Belasko, 1999², p. 278; Orpustan, 1999, p. 270). Não pode, tão-pouco, ser excluída a possibilidade de [L]EIHAR (BB II) configurar uma variante de **lecar** (Faria, 1993, p. 153).

munica. Placa de bronze. Cabezo de las Minas (Botorrita, Zaragoza). MLH IV K.1.3; Untermann, 1996a, p. 149-150.

Wodtko (MLH V, 1, p. 267) indicou vários paralelos para este NP, mas omitiu os que dele mais se aproximam: TARENTIA MVNICA (CIL II 3007; Beltrán, 1995, p. 184, n. 139) e MVNIC ELAISIO (Faria, 1997, p. 109-110; Beltrán, 1997, p. 309).

neselducu. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). CNH 344:17-25.

neselducu é claramente um NP ibérico (Untermann, MLHI 1, p. 82, 338, 1976, p. 217, 1979, p. 51), devendo o mesmo ser segmentado em **nes-eldu-cu**, evolução metafónica de **nes-ildu-cu* (Faria, 1991a, p. 16, 1994b, p. 49-50, n.º 261, 1995a, p. 83-84, 2000a, p. 137, 2000b, p. 65). José Antonio Correa, talvez por se recusar a contemplar a existência de NNP ibéricos com mais de dois elementos onomásticos, uma vez que não acredita, por exemplo, na ocorrência do NP **bilos-leistiger** (Correa, 2001b, p. 307), acha que o iberismo de **neselducu** “no es demostrable” (Correa, 2001b, p. 312). A este postulado, tão surpreendente como duas das transliterações — **sítubolai** e **otatiis** — que o acompanham, não deverá ser alheia a resistência manifestada por Correa e por outros investigadores em reconhecer que só o elemento **nes**, e não **nes**, está documentado em ibérico (Faria, 1995b, p. 324, 2000a, p. 137; *contra*, Correa, 1992, p. 266, n. 46, 1994b, p. 269, 271, 276, 1999, p. 379, 382, 2001b, p. 307, n. 18, 315; Gorrochategui, 1995, p. 224, n. 94; Velaza, 1996, p. 43; Quintanilla, 1998, p. 103-104, 198, 204; Ballester, 2001, p. 294, n. 39). Rodríguez Ramos (2000 [2001], p. 261, 262) parece ter-se dado conta da ausência de testemunhos de **nes** em escrita epicórica, mas não se apercebeu de que não se passa o mesmo com **nes**. Aliás, tal postura não constitui motivo para grande admiração, porquanto Rodríguez Ramos (2000 [2001], p. 261), à semelhança de Velaza (1996, p. 37-38), só conhece cerca de 140 dos mais de 350 componentes onomásticos ibéricos até hoje identificados (Faria, 1998c, p. 269).

Não é só o Professor Correa que continua a fazer-se eco de transliterações claramente erróneas, tais como **sítubolai** e **otatiis**; também Rodríguez Ramos (2000 [2001], p. 261, 268) prefere

śitubolai a **śibibolai**, enquanto Alfaro (2001, p. 35) opta por **Urkailtu** em detrimento de **urCailbi**. Resta-nos aludir a um desastrado quadro da autoria de Sylvie Dardaine (2001, p. 41, quadro 3) sintomaticamente intitulado “Noms de magistrats monétaires (sic) des cités de Bétique (sic)”: nele vamos encontrar Kasuritu, -kionis, Kueki, -ntuakoi, Otatiis, Situbolai e Urkailtu. Até quando continuará o estudo das línguas paleo-hispânicas a ser assombrado por estes “fantasmas”?

śaitabi. Moeda. **śaitabi** (Xàtiva, València). Ripollès, 2001.

Não podemos deixar de subscrever os termos em que Untermann, num texto publicado há quase vinte anos, se referiu às legendas toponímicas que ocorrem nas produções da ceca em apreço: “Bigraphe Münzen gibt es z. B. in [...] *Saetabis*, das heutige Játiva südlich von Valencia: auf den Bigraphen steht neben der lateinischen Form SAETABI eine abgekürzte iberische *śaiti*; der vollständige Name in iberischer Schrift, *śaitabi*, ist durch einige Münzen ohne lateinische Buchstaben bezeugt (MLH. A. 35)” (Untermann, 1983, p. 797). Reiteramos igualmente a posição por nós tomada acerca de **śaiti**, NL que consideramos abreviado por contracção (Gil, 1956, p. 36, 40; Faria, 1991a, p. 17, 1995a, p. 82, 1997, p. 110). Não é, por conseguinte, fácil compreender o motivo que levou Ripollès (2001, p. 169) a fazer-se eco de uma abstrusa sugestão formulada há bem pouco tempo por Jürgen Untermann no sentido de decompor em **śaita-biCi-Tař-ban** uma legenda, até agora inédita, publicada por aquele numismata, isolando um insustentável NL **śaita**. Como é evidente, a única segmentação plausível só pode ser a que Ripollès apresenta em alternativa à que foi estranhamente prescrita por Untermann: **śaitabi-CiTař-ban**.

śalbitas. Lâmina de chumbo. Llano de la Consolación (Montealegre del Castillo, Albacete). *MLH* III 2 G.15.1.

O primeiro componente deste NP ibérico, totalmente ignorado por Rodríguez Ramos (2000 [2001], p. 261), ocorre em **śalbibibi[...]** (F.9.2) e, provido de vibrante, em **śalbiriař** (Faria, 2000a, p. 138). Por triste coincidência, também o segmento **iař** não pertence ao elenco de elementos nominais recentemente elaborado por Rodríguez Ramos (2000 [2001], p. 261). Repetindo o erro de transliteração cometido por Untermann (*MLH* III 2, p. 623), Correa (2001b, p. 306, n. 2) lê **salbitas** onde está **śalbitas**.

Σεδεγων. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigeon, Aude). Lejeune, Pouilloux e Solier, 1988, p. 53; *IGAI* 7.

Não foi só ao ler Βλερυας em vez de Ελερυας que Fatás (1997, p. 38) se equivocou, já que, na mesma página, podemos encontrar Σεγεδων no lugar de Σεδεγων, erro de leitura também cometido por Untermann (1996b, p. 100) e por Decourt (2000 [2001], p. 118). Não sabemos se **gon** se repete em **ilbiCon** (C.2.8), em **Conildir** (G.16.5) ou em **tautinCon** (E.4.4) (Faria, 1999, p. 155; *contra*, Faria, 1998b, p. 236), dada a existência na onomástica ibérica do formante **con** (Faria, 2001, p. 103). Este encontra-se presente pelo menos em **betescongili** (C.2.22) e em **ers-con** (B.7.11, .12, .13), NP ibérico que Correa (1992, p. 278, 1993, p. 115, 2001b, p. 311, n. 40), inexplicavelmente, considera ser lígure. Não é, contudo, de descartar a possibilidade de estes dois casos abonarem variantes contextuais (por ensurdecimento da velar após sibilante) do elemento **gon**, que parece figurar em BELGONI (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 315-316, n.º 475). Seja como for, o elemento onomástico ibérico **con** está documentado em escrita latina, nomeadamente no etnónimo *Contestani* < **contes*. É óbvio que a existência destes elementos não pode entrar em conflito com a ocorrência de *-co*, sufixo presente em numerosos NNP (*contra*, Rodrí-

guez Ramos, 2000 [2001], p. 261, 2001, p. 13, que entende ser **co** a abreviatura de **con**), nomeadamente em **aboco** (B.1.21) (Faria, 1994a, p. 66, 68; *contra*, Correa, 1993, p. 107; De Hoz, 1999b, p. 146, que incluem este NP na onomástica gaulesa), ANDRECCONI (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 147), **aranco** (Velaza, 1991, p. 115, n.º 477) (Faria, 1995a, p. 79-80), ATTACONI (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 147-148, n.º 58), AVSTINCO (TSall), BELEXCONIS (gen.) (Gorrochategui, 1984a, p. 159-160, n.ºs 176-177), **bolsco** (C.4.1) (Faria, 1994a, p. 67, 1998b, p. 235), **bonco** (C.4.1) (Faria, 1994a, p. 67, 1998b, p. 235), HALSCONIS (gen.), (Gorrochategui, 1984a, p. 213, n.º 196), **laurco** (Olesti, 1995, p. 422 e Fig. 3, 1998, p. 254, n. 9), LAVRCO (Gorrochategui, 1984a, p. 230-231, n.º 238), **lecarco** (F.13.3, .7) (Faria, 1994a, p. 67, 1998b, p. 236), **salduco** (C.2.3), **sanico** (F.20.3), SENICCO (Gorrochategui, 1984a, p. 261-262, n.º 310), SESENCO (Gómez-Pantoja e Alfaro, 2001, p. 176-178), **talsco** (F.11.14) (Faria, 1998b, p. 235) e TOLOCO (Faria, 1997, p. 111). Alógrafo deste sufixo deverá ser **cu**, abonado em **belencu** (Campmajó e Untermann, 1993, p. 508-509), **neselducu** (A.100.-8, -9), **talscubilos** (B.1.29) (Faria, 1998b, p. 236) e **tolocu** (Faria, 1997, p. 111).

Não estamos por agora em condições de saber se há que isolar, tanto em **ar̄scobor** (Faria, 1997, p. 106) como em **abar̄scubor** (Faria, 1994a, p. 66, 1997, p. 106), um segmento antropónimo **cobor/cubor**, uma vez que **bor** ocorre autonomamente em não poucos NNP, designadamente em **barbor** (E.1.312, .313), **borbelior** (Faria, 1994a, p. 67), BORCONIS (gen.) (Gorrochategui, 1984a, p. 177, n.º 112), BORTOSSI (gen.) (Gorrochategui, 1984a, p. 179, n.º 119) e **nōrobor** (Solier, 1979, p. 77), além dos mencionados por Untermann (*MLH* III 1, p. 230).

No que concerne a **belencu**, à bibliografia arrolada noutra ocasião (Faria, 2000b, p. 62-63) deverá acrescentar-se o livro de Luis Silgo (1994, p. 76), no qual se sustenta com grande verosimilhança ter o NP medieval *Mendo* derivado de *Belendo* > *Melendo* > *Menendo* > *Meendo*, de preferência a *Ermenegildus* > *Menigildus* > **Menegindus* > *Menendus*, origem esta ultimamente advogada por Boullón (1999, p. 312, com bibliografia anterior), apesar das reservas colocadas por Machado (1984, p. 979) e Rivas (1991, p. 227).

SESENCO. Estela de xisto. La Laguna (Villar del Río, Soria). Gómez-Pantoja e Alfaro, 2001, p. 176-178.

Considerando que **sesin**, transformado em **sesinen** por Untermann (*MLH* IV, p. 609), se encontra abonado como “Kurzname” (K.1.6) (Faria, 1998d, p. 128), é natural que SESENCO constitua a latinização de **sesinco*. A alteração fonológica detectável na passagem de **sesin** a SESEN observa-se igualmente em **nalbeadin* > NALBEADEN, **sosinadin* > SOSINADEM, **suise-tartin* > SVISETARTEN, **ordin(e)nas* > ORDENNAS (Quintanilla, 1998, p. 100-101) e em **geselandin* > GESELANDEN (Faria, 1994b, p. 45, n.º 174, 1995a, p. 81-82). Correa (1992, p. 264) alude à existência de um *BALCEADEN, mas não sabemos onde o foi buscar; terá havido confusão entre *BALCEADEN e BALCIADIN (TSall)?

SILBIS. Moedas. *Turiaso*. RPC I 401.

Este presumível ND deve constituir a latinização de **silbi*. Se é possível reconhecer o monossílabo final nos NNP **biurbi** (CNH 434:3-5) e PIANDOXPONNI (dat.?) (Gorrochategui, 1984a, p. 251-252, n.º 281), *sil* combina com *di* e com *es* para formar dois novos componentes nominais, **sildi* e *siles*, constantes respectivamente de SILLIBORI (dat.) (*CIL* II²/7, 5) < **sildibor* (Faria, 1994a, p. 68) e de BONSILEXSI (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 173-174, n.º 102), SILEX (Gorrochategui, 1984a, p. 268-269, n.ºs 326-328), SILEXCONIS (gen.) (Gorrochategui, 1984a, p. 269, n.º 329) e SILIXIV(S) (Gorrochategui, 1995, p. 214). À excepção de SILEXCONIS (gen.), que é NP mascu-

lino (Michelena, 1954/1985, p. 423; Gorrochategui, 1984a, p. 362, 1993a, p. 614, 615), todos os nomes de que *sil* faz parte identificam entidades femininas, sejam elas de origem humana ou divina.

sirbaisef. Têsseras/moedas de chumbo. Ceca indeterminada. Casariego, Cores e Pliego, 1987, p. 149.

Bastaria este NP para refutar a ideia de Rodríguez Ramos (2000 [2001], p. 261, 263, 264), segundo a qual **sir** nunca figura em posição inicial, ideia que a ocorrência de SIR[A]STEIVN < **sir-aste-iun* (Faria, 1997, p. 110) também ajuda a desmentir.

SISB[?]. Moedas. *Vesci. CNH 129:4*.

Seriam necessárias muitas páginas para darmos conta de todos os erros que detectámos no catálogo das moedas hispânicas do Instituto de Valencia de Don Juan (Ruiz, 2000a, 2000b). Preferimos, por isso, salientar os aspectos positivos da obra, que se resumem praticamente a dois: o bom estado de conservação de quase todos os exemplares ilustrados e a excelente qualidade das respectivas reproduções fotográficas. Estes factores levam-nos a rever algumas leituras de nomes de magistrados que apresentámos noutros textos. É o caso de SISD[?] (Faria, 1994b, p. 53, n.º 348, 1996, p. 173), leitura que consideramos dever ser abandonada em favor de SISB[?] (Ruiz, 2000a, p. 410, n.º 2076). Aliás, em boa verdade, o exame rigoroso da fotografia reproduzida no *corpus* de Villaronga (CNH 129:4) já não permitia uma opção inequívoca por SISD[?]. Esta nova interpretação torna ainda mais estreita a relação por nós estabelecida entre o NP em causa e SISBE, nome de um magistrado reproduzido em moedas de **Beuipo* (Faria, 1994b, p. 53, n.º 347, 1996, p. 172).

No catálogo das moedas hispânicas do Instituto de Valencia de Don Juan, há mais fotografias que nos permitem rectificar a identificação de outros magistrados. Deste modo, L FVNI VETT (Faria, 1994b, p. 44, n.º 167, 1996, p. 160), L FVNI VET (García-Bellido e Blázquez, 1995, p. 416, n.º 164; Des Boscs-Plateaux, 2001, p. 216) e L IVN VET (Le Roux, 2001, p. 216) (Ruiz, 2000b, p. 139, n.ºs 3009-3010) devem dar lugar a L FVNI VET F (RPC I, p. 124, n.º 361), identificação que consta de um semisse cesaraugustano, e não de um asse (*contra*, Des Boscs-Plateaux, 2001, p. 216). Também G MAL SERA[N] (Faria, 1994b, p. 48, n.º 234, 1996, p. 165) (Ruiz, 2000b, p. 154, n.º 3091) deve dar lugar a G ‘MANL’ SERA‘NV’[S] e [...] MAL BVCCO (Faria, 1994b, p. 48, n.º 233, 1996, p. 164) (Ruiz, 2000b, p. 154, n.º 3091) a [...] ‘MANL’ BVCCO. A abreviação do *nomen Manlius* é exactamente a mesma que se observa numa emissão de *Bailo* (CNH 124:5): Q ‘MANL’. Ainda no tocante a magistrados de *Bailo*, não podemos deixar de criticar o tratamento a que L ‘AP’O(*niius*) (CNH 124:1, 6) foi sujeito por parte de Ortiz de Urbina (2000, p. 84, n. 153), que reduziu aquele nome a uma mera “fórmula administrativa”, depois de o ter deturpado: L AP DEC. A mesma autora, acompanhada por Sylvie Dardaine (2001, p. 27, n. 35), não se coíbiu de recompor L AP DEC Q, *tria nomina* e cargo de um magistrado gravados numa cunhagem de *Vrso(ne)* (CNH 367:1-5), em L AP DEC Q F (Ortiz de Urbina, 2000, p. 85, n. 157), tendo tal diligência proporcionado a seguinte tradução: “por decreto el cuestor hizo” (Ortiz de Urbina, 2000, p. 85). A curiosa tendência revelada por Ortiz de Urbina para transmutar fórmulas onomásticas em administrativas surge de algum modo compensada pela descoberta de nomes de magistrados nas cunhagens de *Salacia* (Ortiz de Urbina, p. 96, n. 180)... A verdade é que qualquer destes três erros podia ter sido facilmente evitado (Faria, 1995c, p. 145, 148-149).

subaCe. Estela de arenito. Guissona (Lleida). Guitart et al., 1996.

Antes de mais, queremos dar conta da nossa divergência quanto à leitura do texto até agora veiculada. Em nosso entender, as duas fotografias da peça por nós conhecidas mostram que o sexto signo da segunda linha, unanimemente transliterado como **i** (Guitart et al., 1996, p. 164,

167; Velaza, 2001, p. 654-655; Untermann, 2001b, p. 620, n. 20), pode também ser um signo de **n**. Se a fotografia publicada por Guitart et al. (1996, p. 164) não denuncia quaisquer vestígios do suposto **i**, a que consta do trabalho há pouco publicado por Velaza (2001, p. 654, fig. 10) deixa entrever a existência de uma segunda barra, que, além de apresentar uma espessura totalmente distinta da que ostentam todas as outras que compõem este e os restantes signos pertencentes à epígrafe em questão, ultrapassa claramente a linha de pauta que limita a parte superior dos caracteres da segunda linha. Secundamos, pois, o parecer exarado por Velaza (2001, p. 642, n. 13) a propósito do mesmo signo gravado noutra inscrição: “Creemos que un trazo que es visible sobre la **n** podría ser adventicio”. **neitinCe**, o NP do indivíduo memorado na inscrição de Guissona, fornece a chave para a correcta análise do patronímico: **suba-Ce**. Do nosso ponto de vista, o que vamos sabendo sobre a antroponímia ibérica não nos autoriza a interpretar **Ce**, em **neitinCe** e em **subaCe**, como uma possível abreviatura de um segmento onomástico. Além de serem numerosos os NNP que contêm tal elemento, provável variante de **iCe** (v. *supra*), importa ter em devida conta que o campo epigráfico que ficou por preencher na primeira linha seria o suficiente para gravar mais três signos. Por ser de tal modo rebuscada, não menos absurda se nos afigura a tentativa de ver em **neitinCe** a “reiberização” de lat. **Neitincus* < ib. ***neitincó** (Guitart et al., 1996, p. 165-166), postura que já foi denunciada por Rodríguez Ramos (2001, p. 12-13, n. 6). A esta proposta prende-se uma outra, considerada pelo seu autor “algo atrevida” (Untermann, 2001b, p. 620, n. 20), a qual consiste em tomar o patronímico **subaCe** como iberização do NP grego *Symmachus*. Sucede, porém, que, a exemplo das epígrafes inscritas nos mosaicos de Caminreal e *Andelo* (v. *supra*), o contexto da inscrição é genuinamente ibérico, ou seja “hecha por íberos en íbero” (Rodríguez Ramos, 2001, p. 12-13, n. 6), pelo que tal sugestão deve ser abandonada em favor da procura de um enquadramento inteiramente indígena para a onomástica em presença. Nestes termos, acreditamos ser completamente legítima a comparação de **suba** com o ND XVBAN < **suban*, documentado numa inscrição votiva de Arvas (Haute Garonne) (Michelena, 1977², p. 288; Gorrochategui, 1984a, p. 353).

TIGINO. Inscrição rupestre. Peñalba de Villastar (Villastar, Teruel). *MLH* IV K.3.11.

Pretendemos nesta ocasião reiterar a nossa proposta (Faria, 1994a, p. 68) no sentido de ver em **TIGINO** um NP ibérico. Creemos que **TIGINO** (gen.) corresponde nesta inscrição ao patronímico de **VELSAM VERAMOM** (ac.), havendo, por sua vez, que relacionar **VELSA** com **belsa**, NP masculino que conta com diversos testemunhos em cartulários bascos medievais (Gorrochategui, 1984a, p. 159; Silgo, 1994, p. 77; Orpustan, 1999, p. 130, 194, 311). A ser assim, **Tiginos* constituiria a adaptação à morfologia nominal celtibérica do NP ibérico **tigi-no* ou **ti-gine*.

turiasu. Moedas. **turiasu** (Tarazona, Zaragoza). *CNH* 262:1-34.

O sufixo *-asu*, detectável no NL ibérico **turiasu** (*CNH* 262:1-34)/**TVRIASO** (*CNH* 267:35-36), deve ser considerado antecessor do sufixo basco medieval *-(a)zu*, que exprime a ideia de ‘abundância’ ou ‘frequência’ (Orpustan, 1999, p. 125-126). Recorde-se que o primeiro componente de **turiasu**, NL cuja sibilante não foi, nas moedas que o transmitem, objecto de adaptação à ortografia celtibérica (*MLH* I, 1, p. 263, *MLH* IV, p. 382-383, *MLH* V 1, p. 425), encontra um claro paralelo nos NNP **TVRIBAS** (TSall) e **TVRINNVS** (TSall), sendo o primeiro considerado híbrido (ibérico e indo-europeu) por Fatás (1980, p. 96) e Villar (1995, p. 242).

uſtanatarſu. Fusaiola. El Vilar (Valls, Tarragona). Panosa, 1993, p. 215-216.

Este NP ibérico, decomponível em **uſtanatarſu**, constitui, a par de **uſtalarilun** (F.9.5), **uſtalaibi** (F.13.2), **uſtariCe** (F.9.6) e **uſtainabar** (C.8.2), argumento suficiente para lançar não poucas dúvidas sobre a mais divulgada das etimologias propostas para o NL basco medieval *Uſtarroç/Uztarroç*: **Abostaroz* (Caro, 1945, p. 112, 164; Michelena, 1997⁵, p. 145). Belasko (1999², p. 422) considera **Uztar* um NP não-identificado, enquanto Ramírez (1987, p. 571) prefere traduzir Ustarroz (sic) por ‘Peñafría’ (**ustar-otz*). Também os NNL *Ustes* (Belasko 1999², p. 420) e *Ustariz/Ustaritz* (Orpustan, 1997³, p. 35-37), igualmente documentados na Idade Média, poderão encontrar a sua génese em qualquer dos supracitados elementos antroponímicos, a menos que este último corresponda ao gen. do NP germânico *Austericus/Ostericus* (Iglesias, 2000, p. 183-184, 2001, p. 324-325, 333, n.º 23).

Outro aspecto a salientar no presente NP é a ocorrência do sufixo *-ſu*, possível variante de *-su*, reproduzido em **lauſsu** (C.3.1). Não nos restam quaisquer dúvidas de que é este mesmo sufixo, de valor hipocorístico (Michelena, 1954/1985, p. 436, 1964, p. 16), que vamos encontrar em diversos nomes tidos por paleobascos ou aquitanos. Sofrendo distintas adaptações à morfologia latina (Michelena, 1954/1985, p. 415; Gorrochategui, 1984a, p. 121, 131-132, 368-369, *passim*, 1995, p. 214; Caro, 1985, p. 169), *-su/-ſu* passou a integrar quer os temas em *-o* — BONXSVS (Gorrochategui, 1984a, p. 176-177, n.ºs 109-110) < **bonsu*/**bonsú*, MONSVS (Gorrochategui, 1984a, p. 236-237, n.º 252) < **bonsu*/**bonsú*, NARHONSVS (Gorrochategui, 1984a, p. 237-238, n.º 253) < **narbonsu*/**narbonsú*, BAIGORIXO (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 312, n.º 468) < **baigorisu*/**baigoríſu*, ILVRBERRIXO (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 337, n.º 563) < **ildurberisu*/**ildurberíſu* — quer os temas em *-n* — ANDEREXSO (Gorrochategui, 1984a, p. 130-132, n.º 24) < **anneresu*/**annereſu*, BONXSONI (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 175-176, n.º 108) < **bonsu*/**bonsú*, BORTOSSI (gen.) (Gorrochategui, 1984a, p. 179, n.º 119) < **bortoſ(s)u*/**bortoſ(s)u*, BELTESONIS (gen.) (Gorrochategui, 1984a, p. 162, n.º 83) < **beltesu*/**belteſu*, ILIXONI (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 332-333, n.ºs 545-549) < **ildisu*/**ildiſu*, DOXXI (gen.) (Gorrochategui, 1995, p. 214) < **toſ(s)u*/**toſ(s)u*, LARRASONI (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 179, n.ºs 573-575) < **larasu*/**laraſu* e GEREXO (Gorrochategui, 1984a, p. 209, n.º 189) < **geresu*/**gereſu*. Deve ser também com *-su/-ſu* que encerra o ND LAVRVSVNI (dat.) (Labrousse, 1980, p. 493; Gorrochategui, 1985, p. 615 e n. 5; Christol, 2000, p. 254, n. 15) < *laurſu*/**laurſu*.

Do mesmo modo, o NL *Oiarso* (TIR, K-30, p. 164) (*Oiasso*, por assimilação) parece conter o supracitado sufixo de valor hipocorístico, se bem que Ramírez (1992, p. 290), acolitado por Gorrochategui e Lakarra (2001, p. 431), o reconstrua em **Oiarzun*: **oiar* ‘bosque’ + suf. **zu* ‘abundante em’. Não pode tão-pouco ser esquecido o NL medieval *Aransus/Aransos* (Orpustan, 1999, p. 270), presumivelmente procedente do NP **Aransu*/**Aransú*.

Em contrapartida, não estamos convencidos de que possa ser detectado o sufixo em questão nos NNP ALARDOSSI (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 303, n.ºs 440-441) < **alartorſ* e ALARDOSTO (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 303, n.º 442) < **alartorſto*/**alartorſtu*, bem como no NL medieval *Apardosse* (Belasko, 1999², p. 75; Orpustan, 1999, p. 304) < **abartoſ*. Estamos em crer que o processo de assimilação regressiva detectável em *toſ* > *tos(s)*, presente no latim vulgar a partir do século I a.C. (Väänänen, 1982, p. 110-111), vigorava igualmente no âmbito da fonologia ibérica, circunstância que ajuda a explicar a sua ocorrência no basco (Michelena, 1977², p. 362) e no gascão (Iglesias, 2000, p. 211). Aliás, conquanto não nos seja (ainda?) possível demonstrá-lo, a ocorrência na onomástica ibérica dos formantes **abaſs/abaſ**, **baſs/baſ**, **boſs/boſ**, **geſs/geſ** faz-nos suspeitar que o signo de **ſ** em final de morfema ou de sílaba corresponde ao resultado da assimilação da vibrante nas sequências fonémicas representadas por **ſs**.

Do nosso ponto de vista, *torís* integra igualmente o componente *Andos*, que figura em ANDOS (Gorrochategui, 1984a, p. 134-135, n.ºs 28-29), ANDOSTEN (Gorrochategui, 1984a, p. 140, n.º 38), ANDOSTENNI (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 141, n.º 39), ANDOSTENNO (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 141, n.º 40), ANDOSTON (Gorrochategui, 1984a, p. 134-135, n.º 41), ANDOSTONIS (gen.) (Gorrochategui, 1984a, p. 141, n.º 42) e PIANDOXPONNI (dat.?) (Gorrochategui, 1984a, p. 251-252, n.º 281). Efectivamente, em obediência ao esquema monossilábico CVC definido para a raiz paleobasca (Lakarra, 1995, *passim*; Gorrochategui e Lakarra, 1996, p. 127-128, 2001, p. 411), há que subdividir o componente *Andos* em *An-dos* < **an-toṛs*. Recorde-se que é com *an* que se iniciam os formantes nominais **anCon**, **anboś** e **antor**, documentados respectivamente em **anCona[--]n** (Velaza, 1993b, p. 161, Fig. 1), **anbośildun** (F.20.1) e **antorba[** (F.13.32), figurando, por outro lado, como elemento autónomo em **anbaśto[** (B.1.164), **anbels** (B.1.40; Campmajó e Untermann, 1993, p. 509), **anbaicař** (B.10.1), **antalstař/antalscař** (C.18.5) e **belan** (B.1.33). Voltando a **anboś**, cremos que terá sido um homónimo a estar na base do NL medieval *Amots* (Orpustan, 1999, p. 271).

Se *Andos* é decomponível em *An-dos*, *Andere* é, quanto a nós, uma formação analógica a partir de *Andos*, com origem em **Annere* (*An-nere*), NP que conta com um testemunho em ANNERENI (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 144, n.º 50). Se assim for, não poderemos deixar de relacionar a segunda parte deste componente com *nere*, que integra o NP **nereildun** (F.11.6).

BIBLIOGRAFIA

- ABASCAL, J. M. (1994) - *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Madrid: Universidad Complutense; Murcia: Universidad.
- ALFARO, C. (2001) - La moneda en las ciudades fenopúnicas. In *Moneda i vida urbana. V Curs d'Història monetària d'Hispania*. Barcelona: Museu Nacional d'Art de Catalunya, Gabinet Numismàtic de Catalunya, p. 29-52.
- ARASA, F. (2001) - *La romanització a les comarques septentrionals del litoral valencià: poblament ibèric i importacions itàliques en els segles II-I aC*. València: Diputació Provincial de València.
- AZKARATE, A.; GARCÍA, I. (1996) - *Estelas e inscripciones medievales del País Vasco (siglos VI-XI) I. País Vasco occidental*. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- BALLESTER, X. (2001) - Fono(tipo)logía de las (con)sonantes (celt)ibéricas. In VILLAR, F.; FERNÁNDEZ, M.ª P., eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania. Actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, p. 287-303.
- BELASKO, M. (1999²) - *Diccionario etimológico de los nombres de los pueblos, villas y ciudades de Navarra: Apellidos navarros*. 2.ª ed. (1996¹). Pamplona: Pamiela.
- BELASKO, M. (2000) - *Diccionario etimológico de los nombres de los montes y ríos de Navarra*. Pamplona: Pamiela.
- BELTRÁN, F. (1995) - La escritura en la frontera. Inscripciones y cultura epigráfica en el valle medio del Ebro. In BELTRÁN LLORIS, F., ed. - *Roma y el nacimiento de la cultura epigráfica en Occidente: Actas del Coloquio Roma y las primeras culturas epigráficas del Occidente mediterráneo (siglos II a.E. - I d.E.) (Zaragoza. 4 a 6 de noviembre de 1992)*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", p. 169-195.
- BELTRÁN, F. (1997) - Epigrafía romana. In *Crónica del Aragón antiguo. De la Prehistoria a la Alta Edad Media (1987-1993) II*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico" (*Caesaraugusta*. Zaragoza. 72), p. 275-333.
- BELTRÁN, F. (1999) - Writing, language and society: Iberians, Celts and Romans in northeastern Spain in the 2nd & 1st centuries BC. *Bulletin of the Institute of Classical Studies*. London. 43, p. 131-151.
- BELTRÁN, F. (2000) - Una decisión de Vespasiano. In BELTRÁN, F.; MARTÍN-BUENO, M.; PINA, F. - *Roma en la cuenca media del Ebro: la romanización en Aragón*. Zaragoza: Caja de Ahorros de la Inmaculada de Aragón (Colección "Mariano de Pano y Ruata"; 19), p. 90-93.

- BELTRÁN, F.; DE HOZ, J.; UNTERMANN, J., eds. (1996) - *El tercer bronce de Botorrita*. Zaragoza: Departamento de Educación y Cultura, Diputación General de Aragón (Colección Arqueología; 19).
- DE BERNARDO STEMPEL, P. (2001) - Grafemica e fonologia del Celtiberico: 1. Nuovi dati sulle vocale mute; 2. Una nuova legge fonetica che genera dittonghi; 3. Fonti e fasi di sviluppo della sibilante sonora. In VILLAR, F.; FERNÁNDEZ, M.^a P., eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania. Actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, p. 319-334.
- BLECH, M. (1993) - *Tafel 21b* [Mosaik mit iberischer Inschrift]. In SCHUBART, H., ed. - *Hispania Antiqua. Denkmäler der Römerzeit*. Mainz am Rhein: von Zabern, p. 261.
- BOULLÓN, A. I. (1999) - *Antroponimia medieval galega (ss. VIII-XII)*. Tübingen: Niemeyer (Patronymica Romanica; 12).
- CAMPMAJÓ, P.; UNTERMANN, J. (1993) - Les influences ibériques dans la Haute Montagne Catalane: le cas de la Cerdagne. In UNTERMANN, J.; VILLAR, F. (eds.) - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana. Actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de Noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, p. 499-520.
- CARO, J. (1945) - *Materiales para una historia de la lengua vasca en su relación con la latina*. Salamanca: Universidad.
- CARO, J. (1947) - La geografía lingüística de la España antigua a la luz de la lectura de las inscripciones monetales. *Boletín de la Real Academia Española*. Madrid. 26:121, p. 197-243.
- CARO, J. (1985) - *Los Vascones y sus vecinos*. San Sebastián: Editorial Txertoa.
- CASARIEGO, A.; CORES, G.; PLIEGO, F. (1987) - *Catálogo de plomos monetiformes de la Hispania antigua*. Madrid: Artis Traditio.
- CASTILLO, C. (1997a) - Onomástica personal en las inscripciones romanas de Navarra. *Cuadernos de Arqueología de la Universidad de Navarra*. Pamplona. 5, p. 127-144.
- CASTILLO, C. (1997b) - Vestigia antiquitatis: *Escritos de epigrafía y literatura romanas*. Pamplona: Universidad de Navarra.
- CHRISTOL, M. (2000) - Un pagus dans l'arrière-pays de Narbonne (C.I.L. XII, 5390). In PACI, G., ed. - *Ἐπιγραφαί. Miscellanea epigrafica in onore di Lidio Gasperini, I*. Tivoli (Roma): Editrice Tipigraf, p. 247-273.
- CIL II = HÜBNER, E. (1869) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II: Inscriptiones Hispaniae Latinae*. Berlin: Georg Reimer.
- CIL II Suppl. = HÜBNER, E. (1892) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II: Hispaniae Latinae Inscriptionum Supplementum*. Berlin: Georg Reimer.
- CIL II²/5 = STYLOW, A. U. [et al.] (1998) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II. Editio altera. Pars V: conuentus Astigitanus (CIL II²/5)*. Berlin-New York: Walter de Gruyter.
- CIL II²/7 = STYLOW, A. U.; GONZÁLEZ ROMÁN, C.; ALFÖLDY, G. (1995) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II. Editio altera. Pars VII: conuentus Cordubensis (CIL II²/7)*. Berlin-New York: Walter de Gruyter.
- CIL II²/14 = ALFÖLDY, G. [et al.] (1995) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II. Editio altera. Pars XIV: conuentus Tarraconensis (CIL II²/14). Fasc. I: Pars meridionalis conuentus Tarraconensis*. Berlin-New York: Walter de Gruyter.
- CNH = VILLARONGA, L. (1994) - *Corpus nummum Hispaniae ante Augusti aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. A.
- CORREA, J. A. (1992) - Representación gráfica de la oposición de sonoridad en las oclusivas ibéricas (semisilabario levantino). *AIΩN*. Napoli. 14, p. 253-291.
- CORREA, J. A. (1993) - Antroponimos galos y ligures en inscripciones ibéricas. In ADIEGO, I.-J.; SILES, J.; VELAZA, J., eds. - *Studia palaeohispanica et indogermanica J. Untermann ab amicis hispanicis oblata*. Barcelona: Universitat, p. 101-116.
- CORREA, J. A. (1994a) - La transcripción de las vibrantes de la escritura paleo-hispánica. *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valencia. 21, p. 337-341.
- CORREA, J. A. (1994b) - La lengua ibérica. *Revista Española de Lingüística*. Madrid. 24:2, p. 263-287.
- CORREA, J. A. (1999) - Las nasales en ibérico. In VILLAR, F.; BELTRÁN, F., eds. - *Pueblos, lenguas y escrituras en la Hispania prerromana: Actas del VII Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Zaragoza, 12 a 15 de Marzo de 1997)*. Salamanca: Universidad; Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", p. 375-396.
- CORREA, J. A. (2001a) - [Recensão a] J. UNTERMANN, *Monumenta linguarum Hispanicarum. Band IV. Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften* (unter Mitwirkung von D. Wodtko), Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1997, 758 pp. *Habis*. Sevilla. 32, p. 701-706.
- CORREA, J. A. (2001b) - Las silbantes en ibérico. In VILLAR, F.; FERNÁNDEZ, M.^a P., eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania. Actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, p. 305-318.
- DARDAINE, S. (2001) - La naissance des élites hispano-romaines en Bétique. In NAVARRO, M.; DEMOUGIN, S., eds. - *Élites hispaniques*. Paris: De Boccard, p. 23-44.
- DECOURT, J.-C. (2000) [2001] - Le plomb de Pech Maho: état de la recherche 1999. *Archéologie en Languedoc*. Lattes. 24, p. 111-124.

- DELAMARRE, X. (2001) - *Dictionnaire de la langue gauloise*. Paris: Errance.
- DES BOSCS-PLATEAUX, F. (2001) - [Discussion]. In NAVARRO, M.; DEMOUGIN, S., eds. - *Élites hispaniques*. Paris: De Boccard, p. 216.
- FABRE, G. (1999) - À l'ombre d'Ag(h)eio: quelques réflexions à propos d'une divinité secondaire des Pyrénées Centrales. *Pallas*. Toulouse. 50 (*Mélanges Claude Domergue*), p. 153-160.
- FARIA, A. M. de (1990-1991) - Antropónimos em inscrições hispânicas meridionais. *Portugalia*. Porto. Nova série. 11-12, p. 73-88.
- FARIA, A. M. de (1991a) - Epigrafia monetária meridional. *Conimbriga*. Coimbra. 30, p. 13-22.
- FARIA, A. M. de (1991b) - [Recensão a] UNTERMANN, J., *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*, Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990, 339 + 661 pp. *Conimbriga*. Coimbra. 30, p. 187-197.
- FARIA, A. M. de (1992) - [Recensão a] JAVIER VELAZA, *Léxico de inscripciones ibéricas: 1976-1989*. Barcelona, 1991, 204 p. *Conimbriga*. Coimbra. 31, p. 191-195.
- FARIA, A. M. de (1992-1993) - Notas a algumas inscrições ibéricas recentemente publicadas. *Portugalia*. Porto. Nova série. 13-14, p. 277-279.
- FARIA, A. M. de (1993) - A propósito do V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica. *Penélope*. Lisboa. 12, p. 145-161.
- FARIA, A. M. de (1994a) - Subsídios para o estudo da antroponímia ibérica. *Vipasca*. Aljustrel. 3, p. 65-71.
- FARIA, A. M. de (1994b) - Nomes de magistrados em moedas hispânicas. *Portugalia*. Porto. Nova série. 15, p. 33-60.
- FARIA, A. M. de (1994c) - [Recensão a] Leandre VILLARONGA, *Corpus Nummum Hispaniae ante Augusti Aetatem*, Madrid, José A. Herrero, S. A., 1994, XXII + 519 pp. *Vipasca*. Aljustrel. 3, p. 121-124.
- FARIA, A. M. de (1995a) - Novas achegas para o estudo da onomástica ibérica e turdetana. *Vipasca*. Aljustrel. 4, p. 79-88.
- FARIA, A. M. de (1995b) - Algumas notas de onomástica ibérica. *Portugalia*. Porto. Nova série. 16, p. 323-330.
- FARIA, A. M. de (1995c) - Moedas da época romana cunhadas em território actualmente português. In GARCÍA-BELLIDO, M.ª P.; CENTENO, R. M. S., eds. - *La moneda hispánica: ciudad y territorio. Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Anejos del *Archivo Español de Arqueología*; 14), p. 143-153.
- FARIA, A. M. de (1996) - Nomes de magistrados em moedas hispânicas: correções e aditamentos. *Conimbriga*. Coimbra. 35, p. 149-187.
- FARIA, A. M. de (1997) - Apontamentos sobre onomástica paleo-hispânica. *Vipasca*. Aljustrel. 6, p. 105-114.
- FARIA, A. M. de (1998a) - [Recensão a] SILGO GAUCHE, L. (1994), *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, 1994, 271 p. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, p. 228-234.
- FARIA, A. M. de (1998b) - [Recensão a] QUINTANILLA, Alberto - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, 1998. 325 p. (Veleia: Revista de Prehistoria, Historia Antigua, Arqueología y Filologías Clásicas. Anejos. Serie Menor; 11). ISBN 84-8373-041-3. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, p. 232-240.
- FARIA, A. M. de (1998c) - [Recensão a] Javier VELAZA FRÍAS, *Epigrafía y lengua ibéricas* [Cuadernos de Historia; 16], Madrid: Arco Libros, S. L., 1996, 69 pp. *Conimbriga*. Coimbra. 37, 1998, p. 267-271.
- FARIA, A. M. de (1998d) - [Recensão a] UNTERMANN, Jürgen, *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band IV. Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen [Inschriften]*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert, 1997, 758 pp. *Vipasca*. Aljustrel. 7, p. 127-129.
- FARIA, A. M. de (1999) - Novas notas de onomástica hispânica pré-romana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, p. 153-161.
- FARIA, A. M. de (2000a) - Onomástica paleo-hispânica: revisão de algumas leituras e interpretações. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:1, p. 121-151.
- FARIA, A. M. de (2000b) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (1). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, p. 61-66.
- FARIA, A. M. de (2001) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (2). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, p. 95-107.
- FATÁS, G. (1980) - *Contrebia Belaisca (Botorrta, Zaragoza) II: Tabula Contrebiensis*. Zaragoza: Universidad.
- FATÁS, G. (1997) - La colonización griega. In FATÁS, G.; LÓPEZ BARJA, P.; OREJAS, A. - *Materiales para un curso de historia antigua de la Península Ibérica*. Santiago de Compostela: Tórculo Ediciones, p. 34-39.
- FLETCHER, D.; SILGO, L. (1991-1993) - Notas sobre un plomo ibérico de procedencia desconocida. *Acta Numismática*. Barcelona. 21-23 [Homenatge al Dr. Leandre Villaronga], p. 89-92.

- GARCÍA-BELLIDO, M.^a P.; BLÁZQUEZ, C. (1995) - Formas y usos de las magistraturas en las monedas hispánicas. In GARCÍA-BELLIDO, M.^a P.; CENTENO, R. M. S., eds. - *La moneda hispánica: Ciudad y territorio. Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Anejos del *Archivo Español de Arqueología*; 14), p. 381-427.
- GIL, O. (1956) - Consideraciones sobre los epígrafes monetarios en caracteres ibéricos. *Numario Hispánico*. Madrid. 5:9, p. 5-46.
- GÓMEZ-MORENO, M. (1949) - *Misceláneas. Historia-arte-arqueología*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- GÓMEZ PALLARÈS, J. (1997) - *Edición y comentario de las inscripciones sobre mosaico de Hispania. Inscripciones no cristianas*. Roma: "L'Erma" di Bretschneider.
- GÓMEZ-PANTOJA, J.; ALFARO, E. (2001) - Indigenismo y romanización en las tierras altas de Soria. In VILLAR, F.; FERNÁNDEZ, M.^a P., eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania. Actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, p. 169-187.
- GORROCHATAGUI, J. (1984a) - *Estudio sobre la onomástica indígena de Aquitania*. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- GORROCHATAGUI, J. (1984b) - Acerca de *Helasse*, teónimo indígena atestiguado en Miñano Mayor (Álava). *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 1, p. 261-265.
- GORROCHATAGUI, J. (1985) - Lengua aquitana y lengua gala en la Aquitania etnográfica. In MELENA, J. L., ed. - *Symbolae Ludovico Mitxelena septuagenario oblatae*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, p. 613-628.
- GORROCHATAGUI, J. (1993a) - La onomástica aquitana y su relación con la ibérica. In UNTERMANN, J.; VILLAR, F., eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana. Actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de Noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, p. 609-634.
- GORROCHATAGUI, J. (1993b) - Onomástica indígena de Aquitania: adiciones y correcciones I (OIA Add. I). In HEIDERMANN, F.; RIX, H.; SEEBOLD, E., eds. - *Sprachen und Schriften des antiken Mittelmeerraums. Festschrift für Jürgen Untermann zum 65. Geburtstag*. Innsbruck: Institut für Sprachwissenschaft der Universität Innsbruck, p. 145-155.
- GORROCHATAGUI, J. (1995) - Los Pirineos entre Galia e Hispania: Las lenguas. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 12, p. 181-234.
- GORROCHATAGUI, J.; LAKARRA, J. A. (1996) - Nuevas aportaciones a la reconstrucción del Protovasco. In VILLAR, F.; ENCARNACÃO, J. d', eds. - *La Hispania Prerromana. Actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Coimbra, 13-15 de octubre de 1994)*. Salamanca: Universidad; Coimbra: Universidade, p. 101-145.
- GORROCHATAGUI, J.; LAKARRA, J. A. (2001) - Comparación lingüística, filología y reconstrucción del Protovasco. In VILLAR, F.; FERNÁNDEZ, M.^a P., eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania. Actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, p. 407-438.
- GROS, P. (2001) - *L'architecture romaine du début du III^e siècle av. J.-C. à la fin du Haut-Empire, 2: Maisons, palais, villas et tombeaux*. Paris: Picard.
- GUITART, J. [et al.] (1996) - Noticia preliminar sobre una inscripción ibérica encontrada en Guissona (Lleida). In VILLAR, F.; ENCARNACÃO, J. d', eds. - *La Hispania prerromana. Actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de Noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, p. 163-170.
- HEp* = *Hispania Epigraphica*. Madrid: Universidad Complutense.
- DE HOZ, J. (1998a) - La epigrafía ibérica de los Noventa. *Revista de Estudios Ibéricos*. Madrid. 3, 1998, p. 127-151.
- DE HOZ, J. (1998b) - Koiné sin Alejandro: Griego y lenguas anhelénicas en el Mediterráneo occidental durante la época helenística. In BRIXHE, Cl., ed. - *La koiné grecque antique III: Les contacts*. Nancy: Association pour la Diffusion de la Recherche sur l'Antiquité (ADRA), p. 119-136.
- DE HOZ, J. (1999a) - Los negocios del señor Heronoiyos. Un documento mercantil, jonio clásico temprano, del sur de Francia. In LÓPEZ FÉREZ, J. A., ed. - *Desde los poemas homéricos hasta la prosa griega del siglo IV d.C.: Veintiséis estudios filológicos*. Madrid: Ediciones Clásicas, p. 61-90.
- DE HOZ, J. (1999b) - Did a *brigantinos exist in Continental Celtic?. In ANREITER, P.; JEREM, E., eds. - *Studia Celtica et Indogermanica. Festschrift für Wolfgang Meid zum 70. Geburtstag*. Budapest: Archaeolingua, p. 145-149.
- DE HOZ, J. (2001a) - Hacia una tipología del ibérico. In VILLAR, F.; FERNÁNDEZ, M.^a P., eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania. Actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, p. 335-362.
- DE HOZ, J. (2001b) - La lengua de los Íberos y los documentos epigráficos en la comarca de Requena-Utiel. In LORRIO, A., ed. - *Los Íberos en la Comarca de Requena-Utiel (Valencia)*. Alicante: Universidad, p. 51-62.
- IGAI* = RODRÍGUEZ SOMOLINOS, H. (1998) - Inscripciones Graecae antiquissimae Iberiae [IGAI]. In MANGAS, J.; PLÁCIDO, D., eds. - *Testimonia Hispaniae Antiqua II A (T. H. A.)*. Madrid: Editorial Complutense; [Mérida]: Fundación de Estudios Romanos, p. 333-362.

- IGLESIAS, H. (2000) - *Noms de lieux et de personnes à Bayonne, Anglet et Biarritz au XVIII^e siècle: origine, signification, localisation, proportion et fréquence des noms recensés*. Donostia: Elkarlanean.
- IGLESIAS, H. (2001) - Aztarna germanikoa Euskal Herriko toponimia historikoan. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 87, p. 317-335.
- IRC III = FABRE, G.; MAYER, M.; RODÀ, I. (1991) - *Inscriptions romaines de Catalogne III. Gérone*. Paris: De Boccard.
- IRCP = ENCARNACÃO, J. d' (1984) - *Inscrições romanas do conventus Pacensis*. Coimbra: Universidade.
- IRMN = CASTILLO, C.; GÓMEZ-PANTOJA, J.; MAULEÓN, M. D. (1981) - *Inscripciones romanas del Museo de Navarra*. Pamplona: Navarra (Comunidad Autónoma). Servicio de Prensa, Publicaciones y Relaciones Sociales.
- JIMENO, R.; TOBALINA, E.; VELAZA J. (1998) - Una nueva ara romana procedente de Ízcue (Navarra). *Epigraphica*. Faenza. 60, p. 290-294.
- KEAY, S. (2001) - Romanization and the Hispaniae. In KEAY, S.; TERRENATO, N., eds. - *Italy and the West: Comparative Issues in Romanization*. Oxford: Oxbow Books, p. 117-144.
- KNÖRR, H. (1999) - Nombres de persona en el País Vasco: cuestiones históricas y de normalización. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 80, p. 135-154.
- LABROUSSE, M. (1980) - Midi-Pyrénées. *Gallia*. Paris. 38:2, p. 463-505.
- LAKARRA, J. (1995) - Reconstructing the Pre-Proto-Basque root. In HUALDE, J. I.; LAKARRA, J. A.; TRASK, R. L., eds. - *Towards a History of the Basque Language*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, p. 189-206.
- LEJEUNE, M.; POUILLOUX, J.; SOLIER, Y. (1988) - Etrusque et ionien archaïques sur un plomb de Pech Maho (Aude). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 21, p. 19-59.
- LE ROUX, P. (2001) - [Discussion]. In NAVARRO, M.; DEMOUGIN, S., eds. - *Élites hispaniques*. Paris: De Boccard, p. 216.
- LGN I = FRASER, P. M.; MATTHEWS, E., eds. (1987) - *A Lexicon of Greek Personal Names I: Aegean Islands, Cyprus, Cyrenaica*. Oxford: Clarendon Press.
- LGN II = OSBORNE, M. J.; BYRNE, S. B., eds. (1994) - *A Lexicon of Greek Personal Names II: Attica*. Oxford: Clarendon Press.
- LGN IIIA = FRASER, P. M.; MATTHEWS, E., eds. (1997) - *A Lexicon of Greek Personal Names III.A: Peloponnese, Western Greece, Sicily, and Magna Graecia*. Oxford: Clarendon Press.
- LORRIO, A. J. (2000) - Grupos culturales y etnias en la Celtiberia. *Cuadernos de Arqueología de la Universidad de Navarra*. Pamplona. 8, p. 99-180.
- MACHADO, J. P. (1984) - *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa, 2*. Lisboa: Confluência.
- MARCO, F. (1997) - Historia antigua. In *Crónica del Aragón antiguo. De la Prehistoria a la Alta Edad Media (1987-1993) II*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico" (*Caesaraugusta*. Zaragoza. 72), p. 335-376.
- MARINER, S. (1979) - La distribución de los fonemas ibéricos según textos en escritura griega y en semisilabario y según onomástica transmitida. In TOVAR, A. [et al.], eds. - *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Tübingen, 17-19 de junio de 1976)*. Salamanca: Universidad, p. 69-79.
- MEZQUÍRIZ, M. A. (1991-1992) - Pavimento de "Opus signinum" con inscripción ibérica en Andelos. *Trabajos de Arqueología Navarra*. Pamplona. 10, p. 365-367.
- MICHELENA, L. (1954/1985) - De onomástica aquitana. *Pirineos*. Jaca. p. 409-455 [= *Lengua e Historia*. Madrid: Paraninfo, p. 409-445].
- MICHELENA, L. (1997⁵) - *Apellidos vascos*. 5.^a ed. (1953¹). San Sebastián: Txertoa.
- MICHELENA, L. (1964) - *Textos arcaicos vascos*. Madrid: Minotauro.
- MICHELENA, L. (1977²) - *Fonética histórica vasca*. 2.^a ed. (1961¹) San Sebastián: Diputación Foral de Guipúzcoa.
- MICHELENA, L. (1979) - La langue ibère. In TOVAR, A. [et al.], eds. - *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Tübingen, 17-19 de junio de 1976)*. Salamanca: Universidad, p. 23-39.
- MLH I 1 = UNTERMANN, J. (1975) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band I: Die Münzlegenden. 1. Text*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 1 = UNTERMANN, J. (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: Die iberischen Inschriften aus Spanien. 1. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 2 = UNTERMANN, J. (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: Die iberischen Inschriften aus Spanien. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH IV = UNTERMANN, J. (1997) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band IV. Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.

- MLH V 1 = WODTKO, D. (2000) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band V 1. Wörterbuch der keltiberischen Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- OLCINA, M. H. (2001) - Grafit ibèric. In *Legados/legats del MARQ*. Alicante: Museo Arqueológico Provincial, p. 32.
- OLESTI, O. (1995) - *El territori del Maresme en època republicana (s. III - I aC): estudi d'arqueomorfologia i història*. Mataró: Caixa d'Estalvis Laietana.
- OLESTI, O. (1998) - Els inicis de la producció vinícola a Catalunya: el paper del món indígena. In *II Col·loqui Internacional d'Arqueologia Romana. El vi a l'Antiguitat, economia, producció i comerç al Mediterrani occidental: actes (Badalona 6/9 de Maig de 1998)*. Badalona: Museu (Monografies Badalonines; 14), p. 246-257.
- OPEL 3 = LÖRINCZ, B. (2000) - *Onomasticon Provinciarum Europae Latinarum III: Labareus – Pythea*. Wien: Forschungsgesellschaft Wiener Stadtarchäologie.
- ORPUSTAN, J.-B. (1997³) - *Toponimie basque: Noms de pays, communes, hameaux et quartiers historiques de Labourd, Basse-Navarre et Soule*. 3^e éd. (1990¹). Bordeaux: Presses Universitaires.
- ORPUSTAN, J.-B. (1999) - *La langue basque au Moyen Age (IX^e-XV^e siècles)*. Baigorri: Izpegi.
- ORPUSTAN, J.-B. (2000) - De quelques etymologies basco-aquitaines dans de Dictionnaire etymologique des noms de lieux de France d'A. Dauzat et Ch. Rostaing. In GORROTXATEGI, M.; KNÖRR, H., eds. - *Actas de las II Jornadas de Onomástica, Orduña, Septiembre de 1987*. Bilbao: Real Academia de la Lengua Vasca-Euskaltzaindia (*Onomasticon Vasconiae*; 17), p. 95-110.
- ORTIZ DE URBINA, E. (2000) - *Las comunidades hispanas y el derecho latino: observaciones sobre los procesos de integración local en la práctica político-administrativa al modo romano*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- PANOSA, M.^a I. (1993) - Nuevas inscripciones ibéricas de Cataluña. *Complutum*. Madrid. 4, p. 175-222.
- PANOSA, M.^a I. (2001) - Novedades de epigrafía ibérica en Cataluña y algunos aspectos metodológicos. In VILLAR, F.; FERNÁNDEZ, M.^a P., eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania. Actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, p. 511-540.
- PENA, M.^a J. (1995-1996) - Algunas consideraciones sobre la epigrafía funeraria de Carthago Nova. *Anales de Prehistoria y Arqueología*. Murcia. 11-12, p. 237-243.
- PÉREZ OROZCO, S. (1993a) - Notas sobre onomástica ibérica. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 62, p. 61-67.
- PÉREZ OROZCO, S. (1993b) - Observaciones sobre los sufijos ibéricos. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 63, p. 221-229.
- PÉREZ ROJAS, M. (1993) - Las inscripciones con escritura tartésica de la Cueva de La Camareta y su contexto onomástico (aportaciones sobre la «celtización» del mundo ibero-tartésico). In *La Cueva de La Camareta (Agramón, Hellín-Albacete)*. Murcia: Universidad (Antigüedad y Cristianismo; 10), p. 139-266.
- QUINTANILLA, A. (1998) - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco (*Veleia*. Anejos. Serie Minor; 11).
- RAMÍREZ, J. L. (1987) - Toponimia vascona y toponimia navarra: su contribución para ponderar los efectos del proceso de aculturación. In *Primer Congreso General de Historia de Navarra (22-27 Septiembre 1986)*, 2. *Comunicaciones*. Pamplona: Institución "Príncipe de Viana" (*Príncipe de Viana*; Anejo 7), p. 563-576.
- RAMÍREZ, J. L. (1988a) - Vitalidad indígena ante el proceso de romanización: el testimonio de los topónimos en "ain". In *II Congreso Mundial Vasco. Congreso de Historia de Euskal Herria, I sección. Tomo I*. Vitoria-Gasteiz: Servicio Central de Publicaciones del Gobierno Vasco, p. 179-192.
- RAMÍREZ, J. L. (1988b) - Antroponimia vascona y altomedieval navarra, factor de conocimiento étnico-lingüístico de un pueblo. In *Primer Congreso General de Historia de Navarra (22-27 Septiembre 1986)*, 3. *Comunicaciones Edad Media*. Pamplona: Institución "Príncipe de Viana" (*Príncipe de Viana*; Anejo 8), p. 147-159.
- RAMÍREZ, J. L. (1992) - La onomástica de los vascones. Autóctonos e inmigrantes. In *Segundo Congreso General de Historia de Navarra, 24-28 Septiembre 1990*, 2. *Conferencias y comunicaciones sobre, Prehistoria, Historia Antigua e Historia Medieval*. Pamplona: Institución "Príncipe de Viana" (Anejo 14 de *Príncipe de Viana*), p. 287-293.
- RIPOLLÈS, P. P. (2001) - Una leyenda monetar inédita de *Saitabi*. *Saguntum*. València. 33, p. 167-170.
- RIVAS, E. (1991) - *Onomástica persoal do Noroeste hispano*. Lugo: Alvarellos.
- RODRÍGUEZ MORALES, J. (2001) - *Paemeiobrigenses y ailobrigiacinos* en el bronce de Bembibre. In GRAU, L.; HOYAS, J. L., eds. - *El bronce de Bembibre: un edicto del emperador Augusto del año 15 a.C.* Museo de León. León: Junta de Castilla y León, Consejería de Educación y Cultura, p. 111-122.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (1999) - Introducción a la escritura ibérica: variante levantina. *Revista de Arqueología*. Madrid. 218, p. 6-13.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2000) - Vocales y consonantes nasales en la lengua íbera. *Faventia*. Barcelona. 22:2, p. 25-37.

- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (1999-2000) [2001] - Botorrita 'launi' – Andelos 'raune': una propuesta de unificación. *Kalathos*. Teruel. 17-19, p. 345-357.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2000) [2001] - Aproximación fonético-estadística a los compuestos nominales de la lengua íbera. *Quaderns de Prehistòria i Arqueologia de Castelló*. Castelló de la Plana. 21, p. 259-270.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2001) - Aspectos de la morfología de los formantes segundos de los compuestos de tipo onomástico en la lengua íbera. *Faventia*. Barcelona. 23:1, p. 7-19.
- RODRÍGUEZ SOMOLINOS, H. (1996) - The commercial transaction of the Pech Maho lead. A new interpretation. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*. Bonn. 111, p. 74-78.
- RPC I = BURNETT, A.; AMANDRY, M.; RIPOLLÈS, P. P. (1992) - *Roman Provincial Coinage, I: From the death of Caesar to the death of Vitellius (44 BC-AD 69)*. London: British Museum Press; Paris: Bibliothèque Nationale.
- RUIZ, M. (2000a) - *Las monedas hispánicas del Instituto de Valencia de Don Juan, I*. Madrid: Instituto de Valencia de Don Juan.
- RUIZ, M. (2000b) - *Las monedas hispánicas del Instituto de Valencia de Don Juan, II*. Madrid: Instituto de Valencia de Don Juan.
- SILGO, L. (1992) - *Textos ibéricos valencianos (Contestania, Edetania, Ilercavonia)*. Tese policopiada. Valencia: Universidad.
- SILGO, L. (1994) - *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana (Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas; 2).
- SILGO, L. (2000) - [Recensão a] A. QUINTANILLA NIÑO: «Estudios de Fonología Ibérica». *Veleia, Anjos Serie Mímor* 11, Vitoria-Gasteiz 1998. 325 págs. In *Estudios varios*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana (Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas; 3), p. 279-293.
- SILGO, L.; GOZALBES, M. (1996-1997) - Nuevo plomo ibérico de Sagunto (Sagunto 58). *Arse*. Sagunto. 30-31, p. 81-90.
- SILGO, L.; TOLOSA, A. (2000) - Plomo ibérico del Camp de Morvedre. *Arse*. Sagunto. 34, p. 39-44.
- SILLIÈRES, P. (2001) - La maison aristocratique à l'époque républicaine, principalement dans la vallée de l'Èbre. In NAVARRO, M.; DEMOUGIN, S., eds. - *Élites hispaniques*. Paris : De Boccard, p. 173-186.
- SOLIER, Y. (1979) - Découverte d'inscriptions sur plombs en écriture ibérique dans un entrepôt de Pech Maho (Sigean). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 12, p. 55-123.
- STRIANO, A. (2001) - L'adaptation des noms propres grecs en latin: les données de la Péninsule Ibérique. In 5^e Colloque International de Linguistique Grecque (Paris 13-15 septembre 2001) <http://www.ffil.uam.es/clasicas/paris.htm> [consulta: 15 de Novembro de 2001].
- TIR, K-30 = TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja K-30: Madrid. Sobre la base cartográfica a escala 1:1.000.000 del IGN. *Caesaraugusta - Clunia*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Ministerio de Obras Públicas, Transportes y Medio Ambiente-Ministerio de Cultura, 1993.
- TIR, K/J-31 = TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja K/J-31: Pyrénées Orientales - Baleares. Sobre la base cartográfica a escala 1:1.000.000 del IGN. *Tarraco - Baliares*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Ministerio de Fomento-Ministerio de Educación y Cultura-Institut d'Estudis Catalans, 1997.
- TOVAR, A. (1951) - Léxico de las inscripciones ibéricas (celtíberico e ibérico), In *Estudios dedicados a Menéndez Pidal*, Tomo II. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, p. 273-323.
- TOVAR, A. (1961) - *The Ancient Languages of Spain and Portugal*. New York: S. F. Vanni.
- TOVAR, A. (1974) - *Iberische Landeskunde, II. 1. Baetica*. Baden-Baden: Koerner.
- TOVAR, A. (1977) - El nombre de Pamplona. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 25, p. 5-8.
- TOVAR, A. (1979) - Notas lingüísticas sobre monedas ibéricas. In TOVAR, A. [et al.] - *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Tübingen, 17-19 junio 1976)*. Salamanca: Universidad, p. 473-489.
- TOVAR, A. (1989) - *Iberische Landeskunde, II. 3. Tarraconensis*. Baden-Baden: Koerner.
- TRASK, R. L. (1997) - *The History of Basque*. London-New York: Routledge.
- UNTERMANN, J. (1976) - Las leyendas monetales. In JORDÁ, F.; DE HOZ, J.; MICHELENA, L., eds. - *Actas del I Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Salamanca, 27-31 Mayo 1974)*. Salamanca: Universidad, p. 213-225.
- UNTERMANN, J. (1979) - Eigennamen auf iberischen Inschriften. In TOVAR, A. [et al.] - *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Tübingen, 17-19 junio 1976)*. Salamanca: Universidad, p. 41-67.
- UNTERMANN, J. (1983) - Die althispanischen Sprachen. In TEMPORINI, H.; HAASE, W., eds. - *Aufstieg und Niedergang der römische Welt*, II.29.2. Berlin-New York: Walter de Gruyter, p. 791-818.
- UNTERMANN, J. (1991-1993) - Intercanvi epistolar en un plom ibèric?. *Acta Numismàtica*. Barcelona. 21-23 [Homenatge al Dr. Leandre Villaronga], p. 93-100.
- UNTERMANN, J. (1993) - Die vorrömischen Sprachen Hispaniens in römischer Zeit. In SCHUBART, H., ed. - *Hispania Antiqua - Denkmäler der Römerzeit*. Mainz am Rhein: von Zabern, p. 111-119.

- UNTERMANN, J. (1996a) - Onomástica. In BELTRÁN, F.; DE HOZ, J.; UNTERMANN, J., eds. - *El tercer bronce de Botorrita*. Zaragoza: Departamento de Educación y Cultura, Diputación General de Aragón (Colección Arqueología; 19), p. 109-166.
- UNTERMANN, J. (1996b) - Los plomos ibéricos: estado actual de su interpretación. In *Las lenguas paleohispánicas en su entorno cultural (Curso da la U.I.M.P.P. - Valencia, 4/9-X-1993)*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, p. 75-108.
- UNTERMANN, J. (1994-1995) [1997] - El tercer bronce de Botorrita y la antroponimia ibérica. *Arse*. Sagunto. 28-29 [número especial dedicado a Domingo Fletcher Valls], p. 135-145.
- UNTERMANN, J. (1999) [2000] - L'inscription sur pierre d'Ensérune, conservée dans le musée de Cruzy (Hérault). *Archéologie en Languedoc*. Lattes. 23, p. 107-110.
- UNTERMANN, J. (2001a) - *Die vorrömischen Sprachen der iberischen Halbinsel. Wege und Aporien bei ihrer Entzifferung*. Wiesbaden: Westdeutscher Verlag (Nordrhein-Westfälische Akademie der Wissenschaften; Vorträge G 375).
- UNTERMANN, J. (2001b) - Algunas novedades sobre la lengua de los plomos ibéricos. In VILLAR, F.; FERNÁNDEZ, M.ª P., eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania. Actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, p. 613-627.
- VÄÄNÄNEN, V. (1982) - *Introducción al latín vulgar*. Versión española de Manuel Carrión. Madrid: Gredos.
- VELAZA, J. (1991) - *Léxico de inscripciones ibéricas (1976-1989)*. Barcelona: Universitat (Aurea Saecula; 4).
- VELAZA, J. (1992a) - El teónimo de las inscripciones de Barbarin (Navarra): problemas epigráficos y de interpretación. *Príncipe de Viana*. Pamplona. 196, p. 365-369.
- VELAZA, J. (1992b) - Βασπεδ- sur le plomb grec d'Emporion: un anthroponyme ibérique? *Beiträge zur Namenforschung*. Heidelberg. Neue Folge. 27:3-4, p. 264-267.
- VELAZA, J. (1993a) - Notas de epigrafía romana de Navarra. *Príncipe de Viana*. Pamplona. 198, p. 75-82.
- VELAZA, J. (1993b) - Una nueva lápida ibérica procedente de Civit (Tarragona). *Pyrenae*. Barcelona. 24, p. 159-165.
- VELAZA, J. (1995) - Epigrafía y dominios lingüísticos en territorio de los Vascones. In BELTRÁN, F., ed. - *Roma y el nacimiento de la cultura epigráfica en Occidente: Actas del Coloquio Roma y las primeras culturas epigráficas del Occidente mediterráneo (siglos II a.E. - I d.E.) (Zaragoza, 4 a 6 de noviembre de 1992)*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", p. 209-218.
- VELAZA, J. (1996) - *Epigrafía y lengua ibéricas*. Madrid: Arco Libros.
- VELAZA, J. (1998) - Crónica de epigrafía romana de Navarra (1994-1998). In *Mito y realidad en la Historia de Navarra. Actas del IV Congreso de Historia de Navarra, Pamplona, 14-17 Septiembre 1998*. 2. Pamplona: Sociedad de Estudios Históricos de Navarra, p. 203-214.
- VELAZA, J. (2001) - Chronica epigraphica Iberica II: Novedades y revisiones de epigrafía ibérica. In VILLAR, F.; FERNÁNDEZ, M.ª P., eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania. Actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, p. 639-662.
- VILLAR, F. (1995) - *Estudios de celtibérico y de toponimia prerromana*. Salamanca: Universidad.
- VILLAR, F. (2000) - *Indoeuropeos y no indoeuropeos en la Hispania Prerromana: las poblaciones y las lenguas prerromanas de Andalucía, Cataluña y Aragón según la información que nos proporciona la toponimia*. Salamanca: Universidad.